

Sociedade para o Ensino do Cristianismo

A LITURGIA DA MISSA SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

<http://www.cristianismo.org.br>

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- [A LITURGIA](#)
[DA MISSA](#)
[SEGUNDO](#)
[O CONCÍLIO](#)
[VATICANO](#)
[II](#)

A LITURGIA DA MISSA SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

Índice Geral

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

1. Inácio de Antioquia (Século I).

2. A Didaqué (Século I).

3. São Justino mártir (século II).

4. Santo Irineu, bispo de Lião (século II).

5. O Epitáfio de Abércio (século II).

6. São Cipriano (século III).

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

▪ ***Índice Anterior***



A LITURGIA DA MISSA SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

CAPÍTULO I

Para um mundo cada vez mais irreversivelmente comprometido com o progresso material em evidente detrimento e abandono das realidades eternas, a decisão de convocar o Concílio Vaticano II, vigésimo primeiro da série dos Concílios Ecumênicos, foi anunciada em 1959, no dia da festa da conversão do Apóstolo São Paulo. Segundo São Bernardo, a data não poderia ter sido mais sugestiva:

***"A Igreja
faz solene
memória
desta
conversão",***

diz São Bernardo,

***"para que
ninguém
perca a
esperança,
por maiores
que sejam
os seus
extravios,
ao ouvir
como
Saulo, ainda
arquitetando
ameaças e
mortes
contra os***

**discípulos
do Senhor,
foi
convertido
subitamente
em vaso de
eleição.
Quem,
daqui para a
frente,
oprimido
pelo peso
de suas
iniquidades,
poderá
dizer que
não pode
mais
levantar-se
a uma vida
santa, ao
ver Saulo,
no mesmo
caminho,
sedento de
sangue, de
perseguidor
crudelíssimo
transformar-
se em
pregador
fidelíssimo?
Nesta única
conversão
manifesta-
se com todo
o esplendor
a grandeza
da
misericórdia
de Deus e a
eficácia de
sua graça".**

PL
183,
359

Tão repentina como a conversão de São Paulo foi também a convocação do Concílio Vaticano II. Nesta data Sua Santidade, o Papa João XXIII, estava na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, junto ao local onde vinte séculos antes havia sido martirizado o apóstolo São Paulo. Junto com ele estavam diversos cardeais. Subitamente veio-lhe uma inspiração. Não nomeou nenhuma comissão para estudar previamente o assunto, não consultou nenhum especialista, não fez perguntas a ninguém, nem estudou o problema longamente por si próprio. Naquele mesmo local, dali a poucos momentos, anunciou aos cardeais o seu firme propósito de convocar o Concílio Vaticano II.

Mais tarde João XXIII referiu-se várias vêzes a este fato:

"A idéia do Concílio não amadureceu como fruto de prolongada consideração, mas como o florir espontâneo de uma inesperada primavera".

**Alocução
9/8/59**

**"Consideramos
inspiração do
Altíssimo a
idéia de
convocar um
Concílio
Ecumênico,
que desde o
início de
nosso
pontificado se
apresentou à
nossa mente
como o florir
de uma
inesperada
primavera".**

**M. P.
Supernu
Dei
Nutu,
5/6/60**

**"A idéia mal
surgiu em
nossa mente
e logo a
comunicamos
com fraternal
confiança
aos senhores
cardeais, lá
na Basílica
Ostiense de
São Paulo
Fora dos
Muros, junto
ao sepulcro
do Apóstolo**

***dos Gentios,
na festa
comemorativa
de sua
conversão, a
25 de janeiro
de 1959".***

**Alocução
20/6/62**

A decisão de convocar o Concílio Ecumênico, portanto, não necessitou de tempo para amadurecer na alma do Pontífice. Surgiu, consumou-se e foi comunicada à Igreja em questão de poucos momentos. Muito diversa, entretanto, era a natureza dos motivos que levaram João XXIII a esta convocação. Os concílios ecumênicos nunca foram assembleias que se reunissem a intervalos regulares; todos os vinte concílios anteriores aos Vaticano II haviam sido convocados por motivos graves e excepcionais. É, portanto, uma questão importante saber que problemas João XXIII tinha em mente, tão graves e excepcionais, a ponto de fazê-lo julgar necessária a convocação de um concílio ecumênico.

O próprio João XXIII respondeu a esta pergunta no discurso que fez aos cardeais naquele 25 de janeiro de 1959, ao anunciar pela primeira vez o Concílio. Não há melhor exposição do que suas próprias palavras:

**"Se o bispo de
Roma estende o
seu olhar sobre o
mundo inteiro, de
cujo governo
espiritual foi feito
responsável pela
divina missão
que lhe foi
confiada, que
espetáculo triste
não contempla
diante do abuso
e do
comprometimento
da liberdade
humana que, não
conhecendo os
céus abertos e
recusando-se à
fé em Cristo
Filho de Deus,
redentor do
mundo e
fundador da
Santa Igreja,
volta-se todo em
busca dos
pretensos bens
da terra, sob a
tentação e a
atração das
vantagens da
ordem material
que o progresso
da técnica
moderna
engrandece e
exalta. Todo este
progresso,
enquanto distrai
o homem da
procura dos bens**

**superiores,
debilita as
energias do
espírito, com
grave prejuízo
daquilo que
constitui a força
de resistência da
Igreja e de seus
filhos aos erros,
erros que, no
curso da história
do Cristianismo,
sempre levaram
à decadência
espiritual e moral
e à ruína das
nações.**

**Esta verificação
desperta no
coração do
humilde
sacerdote que a
divina
providência
conduziu a esta
altura do Sumo
Pontificado uma
resolução
decidida para a
evocação de
algumas formas
antigas de
afirmações
doutrinárias e de
sábias
ordenações da
disciplina
eclesiástica que,
na história da
Igreja, em épocas
de renovação,**

***deram frutos de
extraordinária
eficácia para a
clareza do
pensamento e
para o
avivamento da
chama do fervor
cristão.***

***Veneráveis
irmãos e diletos
filhos!***

***Pronunciamos
diante de vós,
por certo
tremendo um
pouco de
emoção, mas ao
mesmo tempo
com humilde
resolução de
propósito, o
nome e a
proposta de
celebração de
um Concílio
Ecumênico para
a Igreja
Universal".***

Este texto é muito importante, porque mostra que João XXIII, ao ter convocado o Concílio Vaticano II, não estava pensando, pelo menos de modo principal, na unidade dos cristãos, na reforma litúrgica, nem em outros temas específicos. Ele estava na realidade aflito diante do triste espetáculo do homem contemporâneo,

***"distráido
da busca
dos bens
superiores,
envolvido
com os
bens da
terra, que
o
progresso
da técnica
engrandece
e exalta".***

Não era a primeira vez que um papa apontava a preocupação da Igreja perante um fato tão grave e para o qual a própria humanidade nele envolvida vinha perdendo, a cada geração, cada vez mais a capacidade de apreciá-lo em seu justo significado. Na sua mensagem de Natal de 1953, Pio XII havia abordado este problema com a mesma clareza de proporções que em 1959 levaria João XXIII a convocar o Concílio:

***"O moderno
progresso
técnico, em
suas
múltiplas
aplicações,
com a
absoluta
confiança
que infunde e
com as
inexauríveis
possibilidades
que promete,
estende
diante dos
olhos do
homem de
nossa época***

***uma visão tão
vasta que
para muitos
passa a ser
confundida
com o
próprio
infinito",***

disse na época Pio XII.

**"A
conseqüência
deste fato é que
os homens
passam a
atribuir a estas
realidades uma
autonomia
impossível, e,
não obstante
isso, esta
suposta
autonomia
passa a se
constituir no
fundamento de
uma concepção
de vida e do
mundo que
consiste em:**

**- Considerar
como o mais
alto valor do
homem e da
vida humana
extrair o maior
proveito
possível das
forças e dos**

**elementos
naturais;**

**- Fixar como
objetivos
preferenciais a
todas as demais
atividades
humanas o
desenvolvimento
de novas
tecnologias de
produção de
bens materiais;**

**- Colocar nestes
processos a
perfeição da
cultura e da
felicidade
terrena.**

**Qualquer um
poderá ver,
porém, que um
mundo
conduzido desta
maneira não
pode mais dizer-
se iluminado
por aquela luz,
nem possuído
daquela vida
que o Verbo de
Deus, esplendor
da glória divina,
fazendo-se
homem, veio
trazer aos
homens".**

**Alocução
de
Natal
1953**

No Natal de 1961 João XXIII retomou novamente o mesmo assunto e, na Bula Humanae Salutis voltou a expor as causas da convocação do Concílio Ecumênico, as mesmas que havia apontado no dia em que, três anos antes, falou pela primeira vez sobre o assunto:

***"A Igreja
assiste hoje
a grave crise
da
sociedade.
Enquanto
para a
humanidade
surge uma
nova era,
obrigações
de uma
gravidade e
amplitude
imensas
pesam sobre
a Igreja,
como nas
épocas mais
trágicas de
sua história.
A sociedade
moderna se
caracteriza
por um
grande
progresso
material a
que não
corresponde***

**igual
progresso
no campo
moral. Daí
enfraquecer-
se o anseio
pelos
valores do
espírito e
crescer o
impulso para
a procura
quase
exclusiva
dos gozos
terrenos,
que o
avanço da
técnica põe,
com tanta
facilidade,
ao alcance
de todos.
Diante do
espetáculo
de um
mundo que
se revela em
tão grave
estado de
indigência
espiritual,
acolhendo
como vinda
do alto uma
voz íntima
de nosso
espírito,
julgamos
estar
maduro o
tempo para
oferecermos**

**à Igreja
Católica e ao
mundo o
dom de um
novo
Concílio
Ecumênico.
Ao mundo
perplexo,
confuso e
ansioso sob
a contínua
ameaça de
novos e
assustadores
conflitos, o
próximo
Concílio é
chamado a
suscitar
pensamentos
e propósitos
de paz, de
uma paz que
pode e deve
vir
sobretudo
das
realidades
espirituais e
sobrenaturais
da
inteligência
e da
consciência
humana".**

As palavras de João XXIII são particularmente claras: o que preocupa o Pontífice é

**"o
gravíssimo
estado de
indigência
espiritual da
humanidade,
por cujos
bens ela já
nem anseia
senão muito
debilmente,
enfraquecida
pela
procura
quase
exclusiva
dos gozos
terrenos
que o
progresso
põe com
grande
facilidade
ao alcance
de todos".**

No pensamento de João XXIII, esta foi a preocupação fundamental por trás de seu propósito de convocar o Vaticano II. Resta, porém, perguntar ainda o que ele esperava concretamente que o Vaticano II fizesse para responder a tão grave problema. Vimos como foi convocado o Concílio; vimos também o motivo pelo qual foi convocado. O que se esperava, porém, que ele fizesse?

João XXIII quis ser claro quanto ao que pensava a este respeito. Repetidas vezes, em vários pronunciamentos que antecederam o Concílio, disse o que esperava que o Concílio fizesse e como os cristãos deveriam preparar-se para a celebração deste evento.

No dia 13 de setembro de 1960 ele explicou em linhas gerais

qual deveria ser o objetivo do Concílio Ecumênico. Disse então João XXIII:

"A obra do Concílio Ecumênico é verdadeiramente concebida para restituir ao semblante da Igreja de Cristo todo o esplendor dos seus traços mais simples e mais puros das suas origens, a fim de apresentá-la tal como o seu divino fundador a criou".

No dia seguinte, 14 de novembro, João XXIII explicava que, sendo estes os objetivos do Concílio, ele não estava sendo convocado para discutir algum ou alguns pontos específicos da doutrina cristã, como havia sido o caso dos vinte concílios anteriores. Ao contrário, a problemática do mundo contemporâneo era tal que exigia de um Concílio Ecumênico uma tarefa que não havia sido exigida dos anteriores:

"Na época moderna",

disse João XXIII em 14 de novembro,

"num mundo de fisionomia profundamente mudada, no meio das situações e dos perigos da procura quase exclusiva dos bens materiais, no esquecimento ou no enfraquecimento dos princípios da ordem espiritual e sobrenatural que caracterizavam a penetração e a extensão da civilização cristã através dos séculos, mais do que tal ou tal ponto de doutrina, trata-se de repor em todo o seu valor e em toda a sua luz a substância do pensamento e da vida humana e cristã, de que a Igreja é depositária e mestra pelos séculos".

Segundo esta passagem, pois, o objetivo do Concílio não seria

discutir um ou outro ponto de doutrina, mas sim

***"repor em
toda a sua
luz a
substância
do
pensamento
e da vida
cristã".***

Em outras ocasiões ele chegou a explicar mais concretamente o que isto queria dizer. Talvez o momento em que o fêz mais claramente foi na alocução de 20 de junho de 1961, quando afirmou que

***"O sentido do
Concílio
Ecumênico
por nós
pensado
desde o
princípio é, em
poucas
palavras e
concretamente:***

***Fazer com que
o clero se
revista de
novo fulgor de
santidade;***

***que o povo
seja
eficazmente
instruído nas
verdades da fé
e da moral
cristã;***

**que as novas
gerações
sejam
instruídas
retamente;**

**que se cultive
o apostolado
social;**

**e que os
cristãos
tenham um
coração
missionário".**

Na intenção de João XXIII, portanto, os principais objetivos do Concílio Ecumênico seriam, diante da materialidade do mundo moderno, encontrar os meios para

**"revestir o
clero de
novo
fulgor de
santidade
e instruir o
povo
eficazmente
nas
verdades
da fé e da
moral
cristã".**

É importante frisar isto, pois é em torno deste propósito que iremos analisar o que aconteceu no Concílio em relação à reforma litúrgica. João XXIII nutria grandes esperanças de um revigoramento espiritual da Igreja em face ao Concílio Vaticano II. Na exortação apostólica de 6 de janeiro de 1962 ele afirma que

**"Todos
nós
estamos
na
expectativa
de uma
nova era,
fundada
sobre a
fidelidade
ao
patrimônio
antigo,
que se
abra às
maravilhas
de um
verdadeiro
progresso
espiritual".**

E ainda:

**"Nestes
últimos
meses
nosso
coração
tem se
derramado
em
documentos
múltiplos,
destinados
a preparar
o clima
espiritual
do Concílio
Ecumênico
que se
aproxima.**

***A todos
convidamos
para uma
oração
mais
acentuada,
que dilate
os
horizontes
do fervor
religioso e
empenhe
em maior
santidade
de vida"***

***Alocução
28/4/62***

***"É à luz deste
próximo
Concílio que
desejamos
orientar e
incentivar a
atitude de
nossos
filhos. Todos
os que são
eclesiásticos
sabem por
que vias se
ascende à
familiaridade
com o
Senhor, fonte
de graça e de
santificação.
A eles foi
feito o***

**convite de
entesourarem
as riquezas
que se
ocultam no
cotidiano
sacrifício
eucarístico
do altar e,
mais
recentemente,
à recitação
digna, atenta
e devota
deste pomo
sacro e
encantador
que é o
breviário. À
oração mais
intensa, em
preparação
ansiosa dos
grandes
prodígios da
graça celeste,
deve-se
juntar um
cuidado
atento e
delicado da
vida
espiritual.
Quem é bom
cristão é bom
entendedor.
Poucas
palavras
resumem
toda a
substância
da grande
transformação**

**que
esperamos
para a
pessoa e
para a família
de cada um, e
para a vida
social.
Interroque
cada um de
vós a si
mesmo se o
ouvido do
coração ouve
estas
palavras:**

**desejar a
pátria
celeste,**

**conter os
desejos da
carne,**

**declinar a
glória do
mundo,**

**não
ambicionar a
riqueza
alheia,**

**dispender as
próprias
riquezas
em socorro
da pobreza
alheia.**

Com estas

**indicações
ficamos
entendidos:
além da
oração
prosseguida
mais viva e
vibrante,
estes cinco
avisos
apostólicos
são
importantes
para
assimilar a
fisionomia
que deverão
assumir os
bons
católicos
durante a
época do
Concílio
Ecumênico
Vaticano"**

Carta
Romanos
8/4/62

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO II

Em todos os textos que citamos, João XXIII não se refere nunca à reforma litúrgica como objetivo prioritário do Concílio Vaticano II. É certo que fala da liturgia no último texto, a carta aos romanos de abril de 1962, mas aí não se trata de um objetivo do Concílio, e sim da forma como ele desejava que os cristãos se preparassem para o evento.

As orientações de João XXIII sobre os objetivos do Concílio Ecumênico eram mais genéricas: "revestir o clero de novo fulgor de santidade", "instruir o povo nas verdades da fé e da moral", sem que se mencionasse nelas nenhum problema litúrgico.

Em 5 de junho de 1960 João XXIII instituía onze comissões preparatórias para estudar os diversos problemas da Igreja no mundo moderno, sem dar propriamente prioridade a nenhuma. Havia uma Comissão Teológica, para examinar os problemas relativos à Sagrada Escritura, tradição, fé e costumes; e outras para os bispos e governo das dioceses, disciplina do clero, religiosos, sacramentos, liturgia, seminários, Igreja Oriental, missões, apostolado dos leigos, meios de comunicação. A liturgia estava aí sim, mas como um assunto entre todos os assuntos.

Entretanto, - e é importante salientar este fato à luz das orientações gerais de João XXIII para o Concílio -, ao ser iniciado o Vaticano II em outubro de 1962, verificou-se que a liturgia era na realidade um assunto prioritário, o primeiro assunto a ser discutido e, pode-se dizer também, o único assunto a ser discutido no Concílio durante o pontificado de João XXIII que então chegava ao fim. Dessa discussão resultou a promulgação, no início do pontificado de Paulo VI, do primeiro documento do Concílio, a Constituição Sacrossantum Concilium, versando sobre a liturgia. Obteve a surpreendente votação de 2147 votos contra 4, além de ter sido, dentre todos os documentos que iriam se seguir, o que mais facilmente conseguiu ser aprovado por parte dos padres conciliares. Foi como se eles já soubessem de antemão por um consenso geral que, se se deviam buscar os objetivos de João XXIII, a liturgia

deveria ter prioridade e, ademais, como se também houvesse um certo acordo a respeito do sentido em que ela deveria ser prioritária.

Esta orientação que a liturgia ganhou dentro dos objetivos traçados por João XXIII para o Concílio Vaticano II não vinha do próprio João XXIII, pelo menos como de sua principal fonte de inspiração. De onde veio e que sentido os padres conciliares quiseram dar a ela durante o Concílio e após o mesmo é o que constitui o tema deste livro.

Para isto, porém, teremos que tratar o assunto desde as suas raízes. Já que a Missa é o centro da liturgia, e a Missa é um sacrifício, deveremos tratar primeiramente da natureza do sacrifício em geral, depois de como ele entrou no Cristianismo e as intervenções do Magistério da Igreja em relação à missa até antes do Vaticano II. Esperamos com isto dar uma contribuição à obra de santificação que o Concílio começou a empreender para o homem de hoje que, se ainda não produziu todos os frutos que se esperavam, isto se deve em parte à pouca compreensão que os cristãos ainda têm de uma obra tão grandiosa.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CAPÍTULO III

Compreender a natureza do que se denomina sacrifício é, atualmente, uma empresa difícil, conseqüência, em grande parte, do ritmo intensamente artificial que se tenta imprimir à vida humana. Não fosse isto, seria mais facilmente evidente que a atitude sacrificial, da qual a missa é um exemplo, é algo do que há de mais natural e fundamental no homem; algo que expressa perfeitamente em um só todo muito do que pertence à essência de qualquer ensino religioso, seja da religião natural, seja da revelação mosaica, seja da cristã. Onde quer que a atitude sacrificial floresça espontaneamente e de uma forma sadia, é indício certo de que o homem vive de um modo que lhe permite uma compreensão espontânea de sua própria natureza, de sua posição dentro da criação, da existência de um Criador e de sua transcendência, e de sua relação, enquanto criatura, para com o Criador.

Com razão Santo Tomás de Aquino observou na Summa Theologiae que em qualquer idade, entre todos os homens e entre todas as nações, sempre houve oferta de sacrifícios (III Q.85 a.1). Os relatos históricos sobre quase todos os assuntos, escritos na idade antiga, qualquer que seja a sua proveniência, citam abundantemente a existência desta prática em todo lugar. Ponderando que o que existe sempre e entre todos deve ser algo natural, daí conclui Santo Tomás que a existência de sacrifícios pertence ao direito natural.

É muito significativa esta afirmação que a oferta de sacrifícios pertence ao direito natural. Com ela quer-se dizer que não se trata de fruto de leis ou convenções humanas; quer-se dizer também que trata-se de algo que não necessita de promulgação por parte da lei divina para sua legítima existência, e nem mesmo sequer exige necessariamente o auxílio da graça para que possa ser compreendida.

O sacrifício é, ademais, um símbolo, e nisto é caracteristicamente algo humano, pois sendo o homem um composto de natureza espiritual e material, é seu modo natural de expressão a utilização de sinais sensíveis para significar o que é apreendido pela inteligência; é, também, o seu modo

natural de intelegir fazê-lo por meio de sinais sensíveis.

Externamente considerado, o sacrifício é uma oferta feita a Deus de alguma coisa material, acompanhada de alguma alteração desta coisa, em reconhecimento da majestade divina e da submissão humana à mesma. Mas o ato material do sacrifício por si só nada tem que possua este valor que acabamos de lhe atribuir; ao contrário, por ser um símbolo, o ato material do sacrifício só adquire todo aquele valor se for uma significação externa de um "sacrifício interior espiritual, pelo qual a alma própria se oferece a Deus" (ST. III Q.85 a.2). Visto desta maneira, o sacrifício é uma atitude natural no homem, no mesmo sentido em que é natural o beijo, o abraço e todas as diversas demonstrações de afeto e de respeito com que através de sinais sensíveis significamos nossa atitude interior para com nossos semelhantes. O sacrifício, porém, difere destes exemplos pelo fato de que um beijo ou um abraço se dão entre iguais e, pelo menos do ponto de vista estritamente natural, a relação que existe entre o homem e Deus não é comparável à que existe entre iguais mas à que existe entre um servo e seu senhor. De onde que o sacrifício pode ser comparado aos sinais de submissão e honra que os súditos oferecem aos senhores em reconhecimento de sua soberania. Entendido desta maneira, o sacrifício é também um ato de justiça.

Em concórdia com o que foi dito, as Sagradas Escrituras também descrevem a oferta de sacrifícios como uma prática universal por parte dos homens desde o início da história. E sem citar, - é importante notar isto - , nenhum mandamento prévio dado por Deus para que se procedesse assim. Caim e Abel (Gen. 4) apresentaram ambos uma oferta a Deus dos produtos de seus trabalhos: Caim, dos frutos da terra; Abel, dos primogênitos de seu rebanho. Quando, acabado o dilúvio, Noé saiu da arca (Gen. 8), erigiu um altar e ofereceu a Deus um holocausto de animais e aves. Também Abraão em várias ocasiões erigiu altares para oferecer sacrifícios a Deus (Gen. 12, 8; 13, 18). Quando ele voltou vitorioso de uma expedição militar contra Codorlaomer, dizem as Escrituras ter vindo ao seu encontro Melquisedec, rei de Salém, com

**"pão e
vinho,
pois era
sacerdote
do Deus
altíssimo".**

**Gen .
14 ,
18**

Temos também a história do sacrifício de Isaac, que Deus pediu a Abraão para prová-lo, dizendo-lhe:

**"Abraão!
Toma teu
filho
único,
que tanto
amas,
Isaac, e
vai à
terra de
Moriá, e
oferece-
mo ali
em
sacrifício
sobre um
dos
montes
que Eu te
indicarei".**

**Gen .
22 ,
1-2**

O qual sacrifício foi interrompido no último momento, pela voz de um anjo que disse a Abraão:

***"Não
estendas
a mão
contra o
menino,
porque
agora sei
que temes
a Deus,
pois por
amor de
mim não
poupaste
o teu filho
unigênito".***

**Gen .
22 ,
12**

Dissemos que do ponto de vista do direito natural o sacrifício é um ato de justiça, e que exprime uma reverência e submissão que o homem deve a Deus, comparável à de um servo para com seu senhor. A esta relação deve-se acrescentar que, em virtude da redenção merecida por Cristo, estabeleceu-se no Cristianismo uma nova aliança entre Deus e o homem pela qual foi dito aos Apóstolos:

***"Já não
vos
chamo
mais de
servos,
mas de
amigos".***

**Jo.
15,
15**

E também:

***"Nossos
pais nos
educaram
segundo sua
própria
conveniência,
mas Deus o
faz para o
nosso bem,
para nos
comunicar a
sua
santidade".***

**Heb.
12,
10**

Isto ocorre pela graça, pela qual o homem é elevado à participação da natureza divina e é chamado a participar de sua própria felicidade, de onde que nasce aquela mútua amizade entre Deus e o homem a que chamamos de caridade. A vida cristã é a própria vida desta amizade, e isto tem como

conseqüência uma elevação de todos os preceitos do direito natural ao plano sobrenatural. O sacrifício, com isto, não deixará de ser um ato de justiça, mas passará a ser motivado por esta amizade e será, neste sentido, também um ato desta amizade. Continuará sendo um símbolo pelo qual se expressa o sacrifício interior com que a alma se oferece a Deus; mas este oferecimento passará a ser também um sinal da total entrega de si mesmo, por parte do homem, por amor, ao Criador. E, em nosso parecer, não podemos deixar de ver na imolação da vítima um sinal da imolação interior que o homem também tem que realizar para poder amar a Deus mais intensamente, pois Jesus ensinou que ninguém poderia ser seu discípulo se primeiro não renunciasse a si próprio e, consoante a isto, uma experiência milenar tem demonstrado o quanto é verdadeira a sentença segundo a qual quanto mais nos afastamos do amor das coisas terrenas e de nós mesmos, tanto mais nos formamos no amor de Deus, e que a própria diminuição da cobiça do que é terreno já é alimento para a caridade. Este é o motivo, pois, pelo qual Cristo haver estabelecido que não poderia segui-lo quem primeiramente não renunciasse a si mesmo, e disto, na imolação da vítima do sacrifício, temos um símbolo do que o próprio oferente deve fazer se quiser oferecer-se a Deus com aquele amor que já nada mais retém para si próprio a não ser o próprio Deus.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO IV

Falamos do sacrifício enquanto instituição de direito natural, expondo depois algumas características que a esta instituição são acrescentadas pelo Cristianismo. O advento do Cristianismo, porém, havia sido precedido entre os judeus pelas leis da Antiga Aliança, promulgadas por meio de Moisés junto ao Monte Sinai, pouco antes de um milênio antes de Cristo.

Com o advento da Lei Mosaica a atitude até então espontânea do sacrifício foi sancionada e regulamentada pela lei divina. Mais ainda, pode-se dizer que foi trazida para o próprio centro da Antiga Aliança, pois quando o povo escolhido, saindo do Egito, chegou aos pés do Sinai, assim falou Deus a Moisés:

***"Vós vistes
o que eu fiz
aos
Egípcios.
Pois bem,
se ouvirdes
atentamente
a minha
voz
e
guardardes
a minha
aliança,
sereis
minha
propriedade
especial
entre os
povos,
e vós
constituireis
para mim
um reino de
sacerdotes
e uma
nação***

santa".

Ex .

19 ,

6

Um reino de sacerdotes, pois, era o que Deus queria do povo de Israel. E o sacerdócio existe em função do sacrifício.

Como e em que extensão as leis ditas cerimoniais do Velho Testamento regulamentaram a atividade sacerdotal do povo de Israel é um assunto sobre o qual não desejamos entrar em maiores detalhes. Mas a instituição destas leis cerimoniais na lei mosaica tornou o povo de Israel um povo cuja própria existência tinha por finalidade prestar um culto a Deus, único entre os povos, cujo centro eram os sacrifícios descritos nos livros sagrados. A instituição dos ritos contidos nas leis cerimoniais principiou um verdadeiro trabalho pedagógico de Deus em seu povo escolhido em relação à atitude sacrificial que destinava-se também a possibilitar aos homens a compreensão do que Cristo um dia haveria de fazer na cruz, ao mesmo tempo em que já era figura dEle.

O caráter pedagógico das leis cerimoniais em relação à atitude sacrificial aprofundou-se com as missões dos profetas da Antiga Aliança posteriores a Moisés. Eles procuraram fazer ver, dentre outras coisas, que o verdadeiro valor do sacrifício diante de Deus consiste em ser símbolo de um outro sacrifício espiritual que necessariamente deve existir juntamente com o primeiro. É neste sentido que devem ser interpretadas diversas outras passagens do Velho Testamento, posteriores a Moisés, em que Deus parece desprezar a prática dos sacrifícios.

No Salmo 49, por exemplo, posterior a Moisés, diz Deus pela boca do profeta:

**"Escuta,
Israel,
tenho que
te
admoestar.**

**Não
tomarei o
novilho de
tua casa,
nem os
cabritos
de teu
rebanho.**

**Se eu
tivesse
fome, não
o diria a ti,
porque
minha é
toda a
terra e
tudo o
que ela
contém.**

**Porventura
eu como a
carne de
touros, ou
bebo o
sangue de
cabritos?**

**Oferece a
Deus o
sacrifício
de louvor,
e cumpre
os votos
que**

***fizeste ao
Altíssimo.***

***Prestai
atenção,
os que de
Deus
esqueceis:
honra-me
quem
oferece
um
sacrifício
de louvor;
ao que
segue o
caminho
reto, dar-
lhe-ei a
fruir a
salvação
eterna".***

Esta passagem, assim como outras, não se destina a condenar as práticas cerimoniais da Lei Mosaica, mas a chamar a atenção para o sacrifício interno simbolizado pelo externo.

Comentando este fato, diz Agostinho no décimo livro da Cidade de Deus:

**"O sacrifício
visível é
sacramento do
sacrifício
invisível, ou
seja, sinal
sagrado. Eis
porque a alma
penitente, a
que se refere o
profeta no
Salmo 50, ou o
próprio
profeta,
invocando a
clemência
divina,
exclama:**

**`Se houvesse
querido
sacrifícios, eu
te-lo-ia, sem
dúvida,
oferecido, mas
não te
deleitarás com
holocaustos. O
sacrifício para
Deus é o
espírito
arrependido;
Deus não
despreza o
coração
contrito e
humilhado'.**

**É de se notar
como onde
disse que
Deus não quer
sacrifícios, ali**

**mesmo mostra
que Deus quer
sacrifícios.
Não quer
sacrifício de
rês
sacrificada,
mas o
sacrifício do
coração
contrito. O
sacrifício que
Deus não quer,
segundo o
profeta, é
figura do
sacrifício que
quer.**

**Por isso, onde
no Velho
Testamento se
lê:**

**`Quero
misericórdia e
não
sacrifícios',**

**não convém
entender outra
coisa senão
que o que
todos chamam
de sacrifício é
signo do
verdadeiro
sacrifício".**

**S. Agostinho A
Cidade de
Deus X, 5**

***"A própria
alma é
sacrifício
quando se
oferece a Deus
abrasada no
fogo de seu
amor e,
despojando-se
da
concupiscência
do século para
reformular-se de
acordo com o
modelo
imutável, lhe
oferece a
infinita beleza
de seus
próprios
dons".***

**Idem,
idem,
X. 6**

O Espírito Santo, pois, inspirou tais passagens do Velho Testamento não para condenar a prática das leis cerimoniais instituídas por Moisés, mas para chamar a atenção para este verdadeiro sacrifício do qual aquele outro é símbolo. No profeta Malaquias, o último do Velho Testamento na ordem cronológica, Ele volta a repreender os sacerdotes que cumprem negligentemente as leis cerimoniais:

**"Um filho ama
o pai, e um
servo o seu
senhor. Se eu,
pois, sou pai,
onde está a
honra que me
corresponde?
E se eu sou o
Senhor, onde
está o respeito
que se me
deve? diz o
Senhor dos
Exércitos a
vós,
sacerdotes,
desprezadores
de meu nome.
Vós, porém,
me perguntais:**

**'Em que modo
desprezamos o
vosso nome?'**

**Vós ofereceis
sobre o meu
altar alimentos
ofensivos.
Quando
ofereceis em
sacrifício um
animal cego,
isto não é
mau? E
quando
ofereceis um
animal coxo ou
doente, isto
não é mau? Eu
já não
encontro em**

**vós o meu
comprazimento,
diz o Senhor
dos Exércitos,
e nenhuma
oblação vinda
de vossas
mãos já me
agrada; porque
desde onde o
Sol desponta
até onde se
põe, grande é
o meu nome
entre as
nações, e em
todo o lugar se
oferece ao meu
nome o
perfume de
incenso com
uma oblação
pura. Vós,
porém, o
profanais:
trazeis vítimas
roubadas,
coxas ou
doentes para
oferecê-las em
sacrifício.
Como posso
eu aceitá-las
com agrado,
de vossas
mãos?"**

Mal .

1 ,

6 -

11

Esta passagem de Malaquias é de particular importância por ter sido considerada já entre os primeiros cristãos como uma profecia da instituição do Sacrifício Eucarístico, que se espalharia entre todas as nações, do nascente ao poente, agora sim em substituição aos sacrifícios da lei mosaica, restritos apenas ao povo judeu. É ao Sacrifício do Altar que se referiam estas palavras:

"Eu já não encontro em vós o meu comprazimento, diz o Senhor dos Exércitos, e nenhuma oblação vinda de vossas mãos já me agrada; porque desde onde o Sol desponta até onde se põe, grande é o meu nome entre as nações, e em todo o lugar se oferece ao meu nome o perfume de incenso com uma oblação pura".

A oblação pura a que se refere Malaquias é o próprio Cristo

oferecido no Sacrifício do Altar.

Assim é que um longo caminho preparava o terreno para a Redenção que seria operada por Cristo. Vindo ao mundo, ofereceu-se a si próprio como vítima do sacrifício da cruz; sem que os romanos se dessem conta da importância da coincidência, Cristo foi imolado precisamente no dia da Páscoa, no qual, em todas as casas do povo de Israel, se celebrava o sacrifício do cordeiro pascal. Jesus era, neste dia, o cordeiro de Deus. Sem que também os romanos o tivessem percebido, foi igualmente, devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, excepcionalmente crucificado obedecendo a diversos detalhes que estavam prescritos há mais de mil anos pela lei mosaica para o ritual do cordeiro pascal. A semelhança, porém, não foi uma simples coincidência: toda a história de Israel foi uma preparação para que fosse possível perceber-se que naquela Páscoa Cristo oferecia a Deus o sacrifício de um cordeiro que era ele próprio. Sacrifício tão mais valioso quanto mais valiosa era a vítima, o Filho de Deus feito homem, e mais ainda por simbolizar externamente outro sacrifício interior que estava acontecendo o qual jamais encontraria outro igual na história, o sacrifício de um amor que conhecia ao Deus amado como nenhuma criatura jamais o pôde e que também, por conhecer tanto a Deus, por isto mesmo conhecia também de modo igual a malícia do pecado pelo qual agora este amor se oferecia em reparação. Foi este amor que mereceu a salvação dos homens.

É por isto que ao mesmo tempo em que no Cristianismo o maior mandamento é o amor a Deus, seu símbolo é o Cristo crucificado, pois aquele sacrifício celebrado por Jesus no dia da Páscoa foi o maior ato de amor que jamais houve, e não acidentalmente foi que se consumou num rito sacrificial. Desde a instituição da gênero humano, a própria natureza humana, educada posteriormente pela pedagogia divina, o tomou como capaz de expressar visivelmente tudo aquilo que o amor pode conter de mais puro e mais sublime. O próprio Cristo, um dia antes de morrer, já o havia dito:

***"Ninguém
tem
maior
amor do
que
aquele
que dá a
vida
pelos
amigos".***

Jo.
15,
14

Assim, o sacrifício de Cristo na cruz está tão no centro do Cristianismo como o preceito do amor a Deus. Aquele sacrifício foi o exemplo mais sublime da prática daquele mandamento, pelo amor sublime com que nele Cristo amou a Deus e aos homens.

A Revelação, porém, não havia de terminar com a morte de Cristo. Na noite anterior à sua Paixão, Jesus havia afirmado aos Apóstolos que ainda tinha muitas coisas para dizer, mas que eles

***"não as
teriam
podido
compreender
naquele
momento".***

Jo.
16,
12

**Por isto, subindo aos céus, rogaria ao Pai para que Ihes
enviasse**

***"um
Consolador,
que estaria
com eles
para
sempre, o
Espírito da
Verdade",***

**Jo.
14,
16-
17**

o qual

***"Ihes
ensinaria
toda a
verdade".***

**Jo.
16,
13**

A revelação cristã em toda a sua totalidade, portanto, tudo aquilo que o Cristo ainda desejava ensinar sem que o pudesse, ou, no seu dizer, "toda a verdade", somente seria ensinada aos Apóstolos após a sua morte, por inspiração do Espírito Santo.

Foi desta maneira que depois da morte e ressurreição de Cristo o carácter interior do sacrifício foi acentuado mais ainda do que havia sido feito pelos profetas do Velho Testamento. É assim

que na primeira carta de São Pedro, este escrevia aos cristãos:

***"Achegai-
vos a
Cristo,
pedra viva,
rejeitada
pelos
homens,
mas eleita
e honrada
por Deus.***

***Vós
também,
como
pedras
vivas,
estais
edificados
sobre Ele,
para
serdes um
edifício
espiritual,
um
sacerdócio
santo,
para
oferecer
vítimas
espirituais,
aceitas
por Deus
por Cristo
Jesus.***

***Vós sois
estirpe
eleita,
sacerdócio
régio,
gente***

**santa,
povo
trazido à
salvação,
para
tornardes
conhecidos
os
prodígios
daquele
que vos
chamou
das trevas
para a luz
admirável".**

1
Pe.
2,
4-
10

É de se notar como São Pedro diz que os cristãos são um sacerdócio santo, mas para oferecer vítimas espirituais, não as dos animais do Velho Testamento. Descreve aqui, pois, São Pedro, um sacrifício puramente interior.

Também diz São Paulo, na Epístola aos Romanos:

**"Exorto-
vos, pois,
irmãos,
pela
misericórdia
de Deus, a
oferecer os
vossos
corpos
como
vítima viva,
santa,
agradável a
Deus, como
vosso culto
racional".**

Rom.
12,
1

E João, no Apocalipse:

**"Jesus
Cristo,
aquele
que nos
amou, nos
libertou
de nossos
pecados
em
virtude de
seu
sangue e
fêz de nós
um reino
de
sacerdotes
para**

***Deus, seu
Pai, a Ele
a glória e
o poder
pelos
séculos
dos
séculos".***

**Apoc .
1, 6**

Merece que se observe, nesta passagem, a expressão "reino de sacerdotes". É a mesma que Deus havia revelado a Moisés no Êxodo.

Mas seria uma ingenuidade supor que no Cristianismo todo sacrifício visível e externo haveria de ser suprimido. Não é concebível que Deus repentinamente proibisse uma das expressões mais naturais do amor humano para com Ele, mais ainda após ter, pela Antiga Aliança, cultivado esta expressão num grau tão elevado. De fato, esta expressão continuaria sob a forma do Sacrifício da Missa, o qual perpetua entre os homens, por instituição do próprio Cristo, o mesmo sacrifício que Ele realizou na Páscoa memorável da Redenção. Como todas as leis cerimoniais do Antigo Testamento eram uma figura deste sacrifício que seria realizado por Cristo, estando agora presente entre os homens a realidade antes apenas figurada, extingüem-se só por isto os ritos anteriores.

Naquele sacrifício prefigurado pelas leis cerimoniais, o sacrifício único da cruz, Jesus ofereceu a Deus algo que valia mais não só do que todos os sacrifícios da Antiga Aliança, mas também mais do que toda a obra da Criação; algo de tamanha importância e centralidade, oferecido também por amor dos homens, não podia perder-se num momento passado da história. Por amor aos homens, novamente, Jesus decidiu perpetuar aquele momento. Seu sacrifício haveria de ser representado, ao longo dos séculos, por outro verdadeiro sacrifício, ainda que sem derramamento de sangue. Não se trata de um novo sacrifício

instituído para acrescentar eficácia ao sacrifício da cruz; é o próprio sacrifício da cruz reproduzido incessantemente diante dos homens para perpetuar a sua memória e para chamar aos homens de todos os tempos à participação viva daquele.

Sabemos que a missa instituída por Cristo é sacrifício não apenas pela profecia de Malaquias, mas também pela profecia messiânica do Salmo 110, reconhecida como tal pelas palavras de Cristo no Novo testamento, e pela tradição dos rabinos.

No Salmo 110 está escrito que ao Messias o Senhor teria jurado,

"irrevogavelmente:

***`Tu és sacerdote
para sempre
segundo a ordem
de Melquisedec'"***.

Salmo
110,
4

Ora, alguém é ordenado sacerdote segundo uma dada ordem para poder realizar o sacrifício segundo o determinado rito daquela ordem. E de Melquisedec a única menção que as Sagradas Escrituras fazem data de 1200 anos antes desta profecia; foi ele o rei que a Escritura designa no Gênesis que teria se aproximado de Abraão após sua vitória militar contra Codorlaomer com uma oferta de pão e vinho para oferecer um sacrifício,

***"pois era
sacerdote
de Deus
Altíssimo"***.

Gen .

14 ,

20

Em nenhuma outra passagem do Velho Testamento se cita um sacrifício de pão e vinho, exceto o de Melquisedec. O Messias ser ordenado para sempre segundo a ordem de Melquisedec não significa outra coisa senão que Ele seria ordenado por Deus para oferecer este mesmo sacrifício. Porém a única vez que a Escritura menciona Cristo ter celebrado algum rito com pão e vinho foi durante a última ceia. Nela ele tomou o pão, o abençoou, o partiu e o deu aos seus discípulos dizendo:

***"Tomai
e
comei,
isto é
o meu
corpo".***

Tomando depois o cálice, deu graças e o deu a beber, dizendo:

***"Bebei
dele
todos.
Isto é o
meu
sangue
da Nova
Aliança,
que será
derramado
por
muitos
para o
perdão
dos
pecados".***

Esta ceia era, pois, um sacrifício de pão e vinho oferecido a Deus segundo a ordem de Melquisedec. Dizendo Jesus "Isto é o meu corpo" e "Isto é o meu sangue que será derramado por muitos", quiz dizer que este sacrifício de pão e vinho não era algo distinto do sacrifício da cruz que seria realizado no dia seguinte.

Mas na última ceia Cristo acrescentou, ordenando aos Apóstolos:

"Fazei isto em minha memória".

Com isto não fêz outra coisa senão instituí-los sacerdotes para oferecerem este mesmo sacrifício, com o fim de que todos os homens pudessem se unir a Ele de modo visível e real no sacrifício da Redenção, centro do Cristianismo e paradigma do preceito da caridade, participando assim juntamente com o próprio Cristo daquele ato de amor e oferecendo juntamente com o sacrifício dEle os seus próprios pessoais.

Não há, pois, também contradição alguma em se dizer ora que o sacrifício da Missa é o ponto central do Cristianismo, ora que o mandamento do amor é este ponto central. O primeiro é a mais plena realização do outro.

Mas há ainda outro motivo pelo qual sabemos que a Missa é sacrifício. É que, desde o início do Cristianismo isto foi afirmado unanimemente por todos os cristãos de todos os lugares e de todas as épocas durante quinze séculos sem que tivesse havido uma única voz que o tivesse contestado. De um modo especial a história da Igreja primitiva testemunha abundantemente que a Missa foi vista desde o princípio como o Sacrifício da Nova Aliança.

Assim é que no século II o mártir São Justino deixou testemunhado num texto denominado "Apologia ao Judeu Trifão" o costume que ele descreve como sendo o de toda a

Igreja:

**"Eu dizia,
senhores,
que também
a oblação da
flor de farinha
que,
conforme a
tradição, é
oferecida
pelos que
são
purificados
da lepra, era
figura do pão
da ação de
graças em
relação ao
qual Jesus
Cristo, Nosso
Senhor,
manda fazer
em memória
da paixão
que ele
sofreu pelos
que são
purificados
nas almas de
toda a
maldade dos
homens, para
que
rendêssemos
graças a
Deus por ter
criado o
Universo com
todas as
coisas que
nele existem
através do**

**homem e, ao
mesmo
tempo, por
nos ter
libertado do
mal em que
nascemos e
ter destruído
fatalmente os
principados e
as
potestades
através
daquele que,
segundo a
Sua vontade,
nasceu
passível. É
daí que,
como falei
anteriormente,
diz Deus
através do
profeta
Malaquias,
um dos doze
profetas,
sobre os
sacrifícios
então por
vós, judeus,
oferecidos:**

**`Minha
vontade não
está em vós,
diz o Senhor,
e não
aceitarei de
vossas mãos
os vossos
sacrifícios;
porque do**

***nascer ao por
do Sol o meu
nome é
glorificado
entre os
gentios e em
todo lugar se
oferecem ao
meu nome
incenso e um
sacrifício
puro, pois
grande é o
meu nome
entre os
gentios, diz o
Senhor: vós,
porém, o
profanais'.***

***Já então ele
profetiza
sobre os
sacrifícios a
ele
oferecidos
em todo lugar
por nós,
gentios, isto
é, do pão da
ação de
graças como
também do
cálice da
ação de
graças,
dizendo que
nós
glorificaremos
o seu nome,
vós, porém, o
profanais".***

Por volta do ano 340 DC, Eusébio de Cesaréia também escrevia em um livro denominado Demonstração Evangélica:

"(O Salmista diz que Cristo) será sacerdote segundo a ordem de Melquisedec (Salmo 110,4).

O cumprimento desta profecia causa admiração ao que contempla como Jesus, nosso Salvador, o Cristo de Deus, cumpre ainda agora, por meio de seus servidores, o seu ministério sacerdotal entre os homens à maneira de Melquisedec. Pois assim como ele, sendo

**sacerdote
dos gentios,
nos é
apresentado
não
utilizando
nenhum
gênero de
vítimas
corporais,
mas apenas
pão e vinho
ao abençoar
Abraão, do
mesmo
modo nosso
Salvador e
Senhor, em
pessoa
primeiro, e
depois
todos os
sacerdotes
que
procedem
dele,
cumprindo o
ministério
sacerdotal
espiritual
segundo os
ritos da
Igreja por
todas as
nações,
insinuam
com pão e
vinho os
mistérios do
seu corpo e
do seu
sangue
salvador,**

**tendo
Melquisedec
já visto de
antemão
estas coisas
que haviam
de
acontecer,
segundo o
atesta a
Escritura de
Moisés,
dizendo:**

**`E
Melquisedec,
rei de
Salém,
apresentou
pão e vinho;
e era
sacerdote
do Deus
Altíssimo, e
abençoou a
Abraão'**

**Gen .
14 ,
18**

**Com razão,
portanto,
apenas a
Aquele que
foi mostrado**

**`jurou o
Senhor e não
se
arrependerá:
Tu és', diz
Ele,
`sacerdote
para sempre
segundo a
ordem de
Melquisedec''.**

Eusébio de
Cesaréia
Demonstração
Evangélica
L. 5, C. 3,
MG 22, 361

**Por volta do ano 400, Santo Agostinho também escrevia em
seus livros coisas do mesmo teor:**

**"Jesus é
também
nosso
sacerdote
para sempre
segundo a
ordem de
Melquisedec",**

diz Agostinho,

**"ele que
ordenou
que se
celebrasse
a
semelhança
daquele
sacrifício
da cruz em
memória de
sua paixão;
para que
vejamos
que aquilo
que
Melquisedec
ofereceu a
Deus (Gen.
14, 18) é já
oferecido
na Igreja de
Cristo por
toda a
terra".**

**Livro
das 83
Questões
Q. 61,
nº 2, ML
40, 49**

O mesmo Agostinho, em um sermão pregado no dia da Páscoa a um grupo de recém batizados diz também o seguinte:

**"Agora
vêdes com
nova luz
sobre a
mesa do
Senhor esta
comida e
esta bebida,
e agora
percebeis
com nova
piedade o
que significa
tão limpo e
fácil
sacrifício,
oferecido
agora não
naquele
templo
construído
por Salomão,
mas sim
desde o
nascido ao
por do Sol,
assim como
foi predito
pelos
profetas.**

**Não
necessitamos
já de hóstias
cruentas dos
rebanhos de
animais; não
necessitamos
já pôr nos
altares
ovelhas nem
cordeiros; já
lestes no
livro do**

**Gênesis
como
Melquisedec,
sacerdote do
Deus
excelso,
ofereceu pão
e vinho
quando
abençoou
nosso pai
Abraão.
Assim, pois,
Cristo Nosso
Senhor, feito
príncipe dos
sacerdotes,
estabeleceu
esta nova
maneira de
sacrificar o
que aqui
vedes, o seu
próprio
corpo e o
seu próprio
sangue.
Reconhecei
no pão
aquilo que
pendeu da
cruz;
reconhecei
no cálice
aquilo que
fluíu do
lado".**

Sermão
do
Dia
da
Páscoa
ML
46,
827

Em outro sermão de Santo Agostinho encontramos ainda esta passagem:

***"A Igreja,
pela
sucessão
certíssima
dos bispos,
persevera
desde o
tempo dos
Apóstolos
até os
nossos e
daqui para a
frente, e
imola ao
Senhor no
Corpo de
Cristo um
sacrifício de
louvor, não
segundo a
ordem de
Aarão, mas
segundo a
ordem de
Melquisedec.
Naquele
salmo, que o
Senhor
Jesus afirma***

**no
Evangelho
que havia
sido escrito
acerca dele
mesmo, está
escrito:**

**`Jurou o
Senhor, e
não se
arrependerá:
Tu és
sacerdote
para sempre,
segundo a
ordem de
Melquisedec'.**

**Os que
leram sabem
o que
ofereceu
Melquisedec
quando
bendisse a
Abraão
(Gen. 14,
18); e já são
partícipes do
mesmo,
vêm que
este
sacrifício se
oferece a
Deus em
toda a terra.
E quando diz
que Deus
não se
arrependerá,
significa que
não mudará**

**este
sacerdócio.
Mudou, de
fato, o
sacerdócio
segundo a
ordem de
Aarão. De
onde que
outro profeta
diz:**

**`Minha
vontade não
está em vós,
diz o Senhor
Onipotente,
e não
receberei
hóstia de
vossas
mãos'.**

**Mal.
1,
10**

**Eis aqui o
sacrifício
segundo a
ordem de
Aarão. E
acrescenta
porque
não
recebe
este
sacrifício:**

`Porque

**desde o
oriente até
o poente
meu nome
é
glorificado
entre as
nações, e
em todo
lugar se
ofecere ao
meu nome
incenso e
uma
hóstia
pura,
porque
grande é o
meu nome
entre as
nações,
diz o
Senhor
Onipotente'**

**Idem,
10 s**

**Eis aqui o
sacrifício
segundo a
ordem de
Melquisedec'.**

ML
42,
623,
627

Tais passagens são exemplos de inúmeras outras que poderiam ser citadas de um período que abrange quinze séculos desde o início do Cristianismo, sem que nele se encontrem vozes contestatórias. Mais adiante haveremos de abordar outros escritores dos três primeiros séculos que trataram deste mesmo assunto; os anteriores, porém, já nos mostram em que sentido o caráter sacrificial da Missa foi tido como doutrina constante entre os cristãos.

Resta notar ainda a unidade existente entre o Sacrifício da Missa e o Sacrifício da Cruz, para poder explicar- se um aparente paradoxo encontrado na Epístola aos Hebreus. Um primeiro exame desta epístola, de fato, nos mostra que ela discorre sobre o tema de Cristo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, mas não menciona o Sacrifício da Missa. Só um exame mais atento tanto da epístola como do assunto considerado em si mesmo pode nos explicar o motivo desta importante, mas aparente contradição.

A unidade existente entre o Sacrifício da Missa e o Sacrifício da Cruz advém de um ser a representação do outro. É o mesmo sacrifício, oferecido sob formas distintas:

***"Isto é
o meu
corpo",***

diz Jesus, e também:

***"Isto é o
meu
sangue,
derramado
por
muitos".***

Não há, pois, aqui, dois sacerdócios distintos. No altar se faz sem derramamento de sangue aquilo mesmo que Jesus fêz na cruz. Neste único sacerdócio tem primazia, entretanto, o Sacrifício da Cruz, já que o do altar é representação daquele.

O sacrifício de Melquisedec, figurando o do altar, figura também o principal, que é o da cruz. No sacerdócio de Melquisedec, enquanto oferecimento do sacrifício de pão e vinho, figura-se o sacrifício do altar; pela reverência exibida por Abraão a este sacrifício, figura-se o sacrifício da cruz, pelo qual foi redimida a humanidade e foram abençoadas todas as nações da terra. No sacerdócio de Melquisedec está, portanto, representado todo o sacerdócio de Cristo, e não apenas o Sacrifício da Missa.

Por causa deste fato, mais o acréscimo de outras causas circunstanciais, é que pôde a Epístola aos Hebreus, ao abordar o tema de Cristo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, não mencionar o Sacrifício da Missa.

O Apóstolo não quis na Carta aos Hebreus dissertar sobre o pleno conteúdo de Melquisedec figura de Cristo. Ele escreveu esta carta a hebreus, e sua preocupação evidente foi a de demonstrar a excelência do sacerdócio de Cristo sobre o sacerdócio judaico. Ele quis mostrar como o sacerdócio de Cristo extinguiu o judaico, para que os hebreus convertidos ao cristianismo não cedessem à tentação existente entre eles de retornarem aos ritos antigos e de ensinarem aos gentios recém convertidos a obrigatoriedade das leis cerimoniais do Velho Testamento. Ora, a justificação destas afirmações tem a sua fonte no Sacrifício da Cruz. Dissertar sobre a missa em tal contexto só serviria para dispersar a atenção dos destinatários sobre um assunto não só muitíssimo delicado naquele época, como também de cuja acertada solução dependia decisivamente a própria difusão do Evangelho entre os gentios. E, de fato, o

sacrifício de Melquisedec nesta carta só é invocado na medida em que por ele pode-se evidenciar que o Antigo Testamento demonstra a existência de um sacerdócio superior ao da Lei Mosaica. Se o Apóstolo estivesse tratando do assunto em si mesmo, se tivesse querido tratar de todo o significado contido no tema do sacerdócio de Melquisedec, ele teria que, em algum momento, ter explicado o que significa a presença do pão e do vinho nesta forma de sacerdócio. Mas em nenhum momento nesta epístola se menciona nada a respeito de pão e de vinho. Este aspecto da questão é passado totalmente em silêncio, o que mostra que a intenção do autor da Epístola não foi a de tratar do assunto considerado em si mesmo, mas apenas na medida em que ele poderia trazer luz a uma outra questão, que é o verdadeiro tema da Epístola e que, em seu tempo, exigia uma solução urgente e definitiva para a própria sorte da propagação da mensagem cristã entre os povos de toda a terra.

Podemos concluir este capítulo mencionando que poucos anos após ter se cumprido a Redenção, o exército romano entrou em Jerusalém, destruiu o templo de Salomão ali reconstruído e dispersou a comunidade judaica pelo mundo da época. Com isso cessaram até hoje, não só de direito, como também de fato, a quase totalidade dos sacrifícios prescritos pela Lei Mosaica.

Sobrevindo a realidade, cessou a figura.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO V

Para que possamos prosseguir com mais segurança no nosso tema, será de grande conveniência analisarmos mais detalhadamente alguns outros testemunhos cristãos dos três primeiros séculos sobre o caráter sacrificial da missa.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



1. Inácio de Antioquia (Século I).

Temos em primeiro lugar as cartas de Santo Inácio de Antioquia. Foi o segundo sucessor de São Pedro Apóstolo como bispo de Antioquia, de onde Pedro havia sido bispo antes de seguir para Roma. Entre suas cartas temos uma dirigida a Policarpo, bispo de Esmirna, o qual havia sido discípulo de São João Evangelista. A correspondência atesta o grau de amizade que houve entre o discípulo de São Pedro e o de São João. No início da carta de Inácio a Policarpo, encontramos esta afirmação de Inácio:

***"Eu me
rejubilo por
ter sido
julgado digno
de
contemplar o
teu rosto
puro, gozo
este que
gostaria de
perpetuar em
Deus. Acelera
o teu passo, e
exorta os
outros para
que se
salvem: fala a
cada qual no
estilo de
Deus, não te
agrades
apenas dos
bons
discípulos,
mas procura
antes com
doçura os
contaminados.
Procura a***

***todos, um por
um".***

PG.

5

Após o martírio de Inácio, Policarpo escreveu outra carta aos Filipenses, elogiando a doutrina contida nas cartas de Inácio:

***"Remeto-
lhes,
conforme
pedistes,
as cartas
de Inácio,
tanto as
que nos
mandou
como
outras
que
tínhamos
conosco.
Vão
presas a
esta
carta.
Podeis
tirar das
mesmas
grande
proveito,
pois
estão
cheias de
fé, de
paciência,
e dessa
perfeita
edificação***

**que leva
a Nosso
Senhor".**

PG
5,
1016

Tratam-se, pois, de documentos de figuras importantes do cristianismo primitivo, que haviam conhecido pessoalmente aos apóstolos, e que gozavam de merecida fama de santidade, tendo ambos dado a vida como mártires pela sua fé.

No fim do século I Santo Inácio foi aprisionado na Síria e levado a Roma para ser jogado aos leões no Coliseu. Foi nesta viagem que escreveu as sete cartas que temos dele, endereçadas a seis Igrejas da época e uma última a São Policarpo.

Na carta à Igreja de Filadélfia escreve Inácio o seguinte:

***"Esforçai-
vos por
usar de
uma só
Eucaristia,
pois uma
só é a
carne de
Nosso
Senhor
Jesus
Cristo e
um só é o
cálice para
a união
com seu
sangue,
um só o
altar,***

***assim
como um
só o bispo
junto com
o
presbitério
e com os
diáconos
meus
conservos".***

**PG
5,
700**

A importância desta passagem está em que, juntamente com a Eucaristia, Santo Inácio menciona "um só altar", reconhecendo com isto o caráter sacrificial da Eucaristia, porque um altar é o local em que se oferecem sacrifícios, e não uma simples mesa.

Na carta aos Esmirnenses, Inácio afirma que o pão eucarístico não é apenas símbolo do corpo de Cristo, mas o próprio corpo de Cristo:

***"Os
docetas",***

diz Santo Inácio,

**"se abstém
da
Eucaristia e
da oração
porque não
reconhecem
que a
Eucaristia é
a carne de
Nosso
Salvador
Jesus
Cristo, a que
padeceu por
nossos
pecados, e
que o Pai,
em sua
bondade,
ressuscitou".**

PG
5,
713

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



2. A Didaqué (Século I).

Ainda data do primeiro século um texto denominado Didaqué, uma espécie de catecismo muito utilizado entre os primeiros cristãos. O texto foi mencionado muitas vezes pelos escritores antigos, mas só foi encontrado na íntegra em 1883 em um manuscrito grego. Na Didaqué encontramos esta passagem que descreve a celebração da Missa:

***"Nos
domingos
do Senhor,
reuní-vos e
parti o pão,
e dai
graças,
confessando
antes os
vossos
pecados,
para que
vosso
sacrifício
seja puro.***

***Aquele que
tenha algo
contra seu
amigo, não
assista à
vossa
reunião até
ter se
reconciliado,
para que
não se
contamine o
vosso
sacrifício.
Pois isto é o
que disse o***

Senhor:

**`Em todo o
lugar
oferecem-
se-me
sacrifícios
limpos,
porque eu
sou o rei
grande,
disse o
Senhor, e o
meu nome é
admirável
entre as
nações'.**

Mal.

1,
11-
14".

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



3. São Justino mártir (século II).

No século seguinte na Palestina, temos um sábio convertido ao Cristianismo, que havia sido filósofo e passado por quase todas as principais escolas de filosofia da tradição grega. Após ter passado pelos filósofos platônicos, encontrou os cristãos. Segundo as suas próprias palavras,

***"Um fogo
então
acendeu-
se em
minha
alma; fui
invadido
pelo amor
aos
profetas e
por
aqueles
que
havam
amado a
Cristo.
Refletindo
sobre as
suas
palavras,
concluí
que
somente
esta era a
filosofia
verdadeira
e útil".***

Justino era o seu nome. Convertido ao Cristianismo, mudou-se para Roma, onde, pelo contexto dos escritos que deixou, pode presumir-se que chegou a ser presbítero na Igreja de Roma. Nesta cidade escreveu numerosos textos, vários dos quais defendendo os cristãos contra as calúnias que lhes eram levantadas; por causa deles, foi preso e martirizado nos meados do século segundo. De São Justino, que já havíamos citado anteriormente, temos uma outra passagem em que ele nos descreve como é a celebração da Missa:

***"Nós, depois
de ter batizado
àquele que
acreditou e que
se uniu a nós,
o levamos para
junto dos que
chamamos
irmãos, ali
onde estão
reunidos para
rezar
fervorosamente.
Acabadas as
preces,
apresenta-se
àquele que
preside entre
os irmãos pão
e um cálice de
água e vinho
misturado com
água. Quando
o recebeu,
louva e
glorifica ao Pai
de todas as***

**coisas em
nome do Filho
e do Espírito
Santo, e faz
uma longa
ação de
graças, porque
por Ele nos
tornamos
dignos destas
coisas. Depois
que o que
preside termina
a ação de
graças e todo o
povo tiver
aclamado, os
que entre nós
se chamam
diáconos dão a
cada um dos
presentes uma
parte do pão e
do vinho e
água
eucaristizados,
que também
são levados
aos ausentes.**

**Este alimento
se chama entre
nós Eucaristia,
da qual a
nenhum outro
é lícito
participar a não
ser àquele que
crê nossa
doutrina ser
verdadeira e
que foi
purificado pelo**

**Batismo para o
perdão dos
pecados e para
a regeneração,
e que vive
como Cristo
ensinou.**

**Porque estas
coisas não as
tomamos como
pão ordinário,
nem bebida
ordinária, mas
assim como o
Verbo de Deus
tendo-se
encarnado
Jesus Cristo
Nosso**

**Salvador, teve
carne e sangue
para nossa
salvação,
assim também
foi nos
ensinado que o
alimento
eucaristizado,
mediante a
palavra da
oração dEle
procedente,
alimento de
que nosso
sangue e
nossa carne se
nutrem com fim
a nossa
transformação,
é a carne e o
sangue
daquele Jesus
que se**

encarnou.

***E no dia
chamado do
Sol realiza-se
uma reunião
num mesmo
lugar de todos
os que habitam
nas cidades ou
nos campos.***

***Lêem-se os
comentários
dos Apóstolos
ou os escritos
dos profetas,
enquanto o
tempo o
permitir. Em
seguida,
quando o leitor
tiver terminado
a leitura, o que
preside,
tomando a
palavra, exorta
a imitar estas
coisas
sublimes.***

***Depois nos
levantamos
todos juntos e
recitamos
orações; e
como já
dissemos, ao
terminarmos a
oração, são
apresentados
pão e vinho e
água, e o que
preside eleva,***

**segundo o
poder que há
nele, orações e
igualmente
ações de
graças e o
povo aclama,
dizendo amén.
Então distribui-
se e faz-se a
cada um
participante
das coisas
eucaristizadas,
e aos ausentes
se as envia por
meio de
diáconos.**

**E nos reunimos
todos no dia do
Sol, porque é o
primeiro dia no
qual Deus,
mudando as
trevas e a
matéria, criou o
mundo, e
Jesus Cristo,
Nosso
Salvador, no
mesmo dia
ressuscitou
entre os
mortos".**

**Apologia
Primeira
PG 6,
428-432**

Em outra passagem, desta vez do Diálogo com Trifão, São Justino explica que este rito eucarístico é, segundo a doutrina cristã, verdadeiro sacrifício:

***"Assim
como
aquele
Jesus, que
é chamado
sacerdote
pelo
profeta,
assim
também
nós, os que
pelo nome
de Jesus
como um
só homem
acreditamos
em Deus
Criador de
todas as
coisas,
somos a
verdadeira
raça
sacerdotal
de Deus,
segundo
nos atesta
o mesmo
Deus ao
dizer que***

***`em todo
lugar entre
os gentios
há quem
lhe ofereça
sacrifícios
agradáveis***

e puros'.

Mal.

1,

11

***Ora, Deus
não recebe
de
ninguém
sacrifícios,
a não ser
por meio
de seus
sacerdotes.
De todos
os
sacrifícios
por meio
deste
nome, os
quais
ordenou
Jesus que
se
fizessem,
a saber, na
Eucaristia
do pão e
do cálice,
sacrifícios
que fazem
os cristãos
em todos
os lugares
da terra, já
de
antemão
testifica
Deus que***

***Ihe são
agradáveis.
Em troca,
rejeita
aqueles
que vós
fazeis, e
por meio
dos
vossos
sacerdotes,
dizendo:***

***`E vossos
sacrifícios
não
aceitarei
de vossas
mãos, pois
desde a
saída do
Sol até o
seu ocaso
meu nome
é
glorificado
entre as
nações,
enquanto
que vós o
profanais'.***

Ma1.

1,
10".

**Diálogo
com
Trifão
PG 6,
640-
641**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



4. Santo Irineu, bispo de Lião (século II).

Na segunda metade do século segundo temos outro escritor digno de atenção por ter sido discípulo de São Policarpo, o mesmo de que já falamos neste capítulo, discípulo por sua vez de São João Evangelista. Chamava-se Irineu, tornado bispo de Lião no ano de 178. Sua vinculação a São Policarpo e a São João Evangelista tornam seu testemunho merecedor de especial consideração. No seu principal livro, denominado "Contra as Heresias", Santo Irineu testemunha a posição geral da Igreja de que a Eucaristia é sacrifício instituído por Deus e profetizado por Malaquias:

***"Dando aos
seus
discípulos
o conselho
de oferecer
a Deus as
primícias
de suas
criaturas,
tomou o
pão e deu
graças
dizendo:***

***`Este é o
meu
corpo'.***

***Da mesma
maneira,
afirmou
que o
cálice era o
seu
sangue, e
ensinou a
nova
oblação do***

**Novo
Testamento,
a qual,
recebendo-
a dos
Apóstolos,
a Igreja
oferece a
Deus em
todo o
mundo, a
respeito do
que
Malaquias
profetizou
assim:**

**`Meu afeto
não está
convosco,
diz o
Senhor
Onipotente,
e não
aceitarei de
vossas
mãos
sacrifícios,
porque
desde o
Nascente
ao Poente
meu nome
é
glorificado
entre as
nações e
em todo
lugar se
oferece ao
meu nome
um
sacrifício**

***puro, pois
grande é o
meu nome
entre as
nações, diz
o Senhor
Onipotente',***

Mal .

1 ,

10

***significando
manifestissimamente
com isto que o povo
anterior cessará de
oferecer a Deus; em
todo o lugar, porém,
Ihe será oferecido
um sacrifício, e este
será puro; e o seu
nome é glorificado
entre as nações".***

Cont .

Her . :

L.4 ,

c.17

PG

7 ,

1023

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



5. O Epitáfio de Abércio (século II).

No fim do segundo século encontramos uma inscrição de um túmulo cristão que relata, em palavras cifradas, a importância que a Eucaristia possuía para os primeiros cristãos. Trata-se do epitáfio do túmulo de Santo Abércio, bispo de Hierópolis, na atual Turquia. Ditado por ele mesmo aos 72 anos de idade para ser esculpido em pedra e colocado junto ao seu sepulcro, está escrita em uma linguagem propositalmente incompreensível para um pagão mas suficientemente clara para qualquer cristão.

Nesta inscrição diz Abércio ser discípulo de Cristo, a quem chama de "pastor puro que pastoreia rebanhos de ovelhas". Diz ter passado pelas Igrejas da Síria e da Mesopotâmia, e ter sido enviado a Roma, onde visitou "um povo possuidor de um selo resplandecente", o selo do Batismo dos cristãos da Igreja de Roma. Lá a fé lhe apresentou como alimento o "peixe do manancial", que é o Cristo presente na Eucaristia. Ictus, palavra grega que significa peixe, era entre os primeiros cristãos símbolo de Cristo, porque suas cinco letras formam naquela língua as iniciais da expressão "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

A inscrição testemunha não só a importância da Eucaristia na vida dos primeiros cristãos, como também o costume da comunhão diária:

*"Eu, cidadão
da cidade
escolhida,
construí este
(túmulo)
enquanto vivia,
para ter aqui
nobre
sepultura de
meu corpo.*

*Chamo-me
Abércio.*

***Sou discípulo
do Pastor Puro
que pastoreia
rebanhos de
ovelhas por
montes e
planícies, o
qual tem olhos
grandes e
onividentes.***

***Ele me ensinou
escrituras
dignas de fé.***

***Enviou-me a
Roma
contemplar o
palácio e ver a
rainha de veste
e sandálias de
ouro.***

***Ali vi um povo
possuidor de
um selo
resplandecente.***

***E vi a planície
e todas as
cidades da
Síria, e Nísibe,
depois de
atravessar o
Eufrates.***

***Em todas as
partes tive
companheiros,
tendo a Paulo
comigo.***

***A fé me guiava
por todas as
partes, e me
apresentou
como alimento
o peixe do
manancial,
grandíssimo,
puro, pescado
pela virgem
casta, que o
deu aos
amigos para
ser comida
todos os dias,
com ótimo
vinho
misturado (e)
pão.***

***Eu, Abércio,
ditei estas
coisas para
que aqui
fossem
escritas no
septuagésimo
segundo ano
de minha vida.***

***Quem quer que
entenda estas
coisas e
concorda
comigo, ore
por Abércio".***

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



6. São Cipriano (século III).

São Cipriano nasceu no norte da África no início do terceiro século. Converteu-se ao Cristianismo em idade adulta e chegou a ser bispo de Cartago, a cidade mais importante do norte da África na época. Entre os seus escritos figuram 81 cartas, com numerosas referências à Eucaristia. No ano de 258 foi preso pelas autoridades romanas e degolado por professar o Cristianismo. No momento em que ia ser executada a sentença sentiu-se tão feliz em poder dar a sua vida por Cristo que resolveu presentear o seu carrasco com uma gratificação de vinte e cinco moedas de ouro, o qual, confuso e comovido, não conseguiu segurar a espada, embora, finalmente, tenha acabado por cumprir o seu papel.

As referências à Eucaristia e ao caráter sacrificial da missa são muito numerosas em Cipriano para que possam ser transcritas todas aqui. Chamaremos a atenção apenas para alguns pontos principais.

Assim como Abércio, na sua Carta 58 Cipriano é testemunha da prática da comunhão diária entre os cristãos:

***"Ameaçamos agora
uma
perseguição
mais dura e
mais feroz.
Para
enfrentá-la,
os (fiéis,
como)
soldados
de Cristo,
devem se
preparar
com uma fé
incorrupta
e uma
virtude***

***robusta.
Considerem
que é por
isto que
bebem
todos os
dias o
cálice do
sangue de
Cristo, para
que
possam
derramar
eles
próprios o
seu sangue
por Cristo".***

PL
4,
350

Na sua carta mais longa sobre a Eucaristia, a Carta 63, Cipriano diz ter recebido notícia que em alguns lugares houve quem tivesse celebrado a Eucaristia apenas com água. Escrevendo então esta carta para reprová-lo, Cipriano faz diversas declarações sobre a Eucaristia. Ele diz que

***"Jesus
Cristo é
autor e
mestre
deste
sacrifício",***

e também que o mesmo Jesus

**"ofereceu a
Deus Pai um
sacrifício
com aquilo
mesmo que
havia
oferecido
Melquisedec,
isto é, pão e
vinho",**

palavras com que demonstra claramente entender que a Eucaristia é sacrifício. Mais adiante, porém, com admirável clareza afirma que aquilo que é oferecido neste sacrifício é a própria

**"paixão
do
Senhor",**

e que este sacrifício não é

**"celebrado
com uma
legítima
santificação
(dos
participantes)
se à paixão
(de Cristo
nele
oferecido)
não
corresponder
nossa
(própria)
oblação e
sacrifício".**

Desta carta, bastante extensa, foram transcritas a seguir apenas algumas passagens mais significativas:

***"Cipriano ao
irmão Cecílio:***

***Ainda que eu
saiba,
caríssimo
irmão, que
grande número
de bispos,
colocados em
todo o mundo,
por desígnio
divino, à testa
das Igrejas do
Senhor, não se
afastam do que
Cristo mestre
mandou e fêz,
entretanto,
como alguns,
por ignorância
ou por
simplicidade,
ao santificarem
e administrarem
o cálice do
Senhor ao povo
não fazem o
que Jesus
Cristo Nosso
Deus e Senhor,
autor e mestre
deste sacrifício
fêz e ensinou,
julguei piedoso,
e ao mesmo
tempo
necessário,
escrever esta***

**carta para que
se alguém
permanece
ainda no erro,
vendo a luz da
verdade,
retorne à raiz e
à origem da
tradição do
Senhor.**

**Saibas que
somos
admoestados
para que na
oblação do
cálice não
façamos outra
coisa que o que
por nós fez
primeiro o
Senhor, isto é,
que no cálice
que se oferece
em sua
memória se
ofereça uma
mistura de
vinho.**

**Vemos no
sacerdote
Melquisedec
prefigurado o
mistério do
sacrifício do
Senhor. Porém,
quem mais
sacerdote de
Deus Altíssimo
do que Nosso
Senhor Jesus
Cristo, que**

**ofereceu
sacrifício a
Deus Pai, e
ofereceu aquilo
mesmo que
havia oferecido
Melquisedec,
isto é, pão e
vinho, a saber,
seu corpo e seu
sangue?**

**Não são
necessários
muitos
argumentos,
caríssimos
irmãos, para
provar ser
manifesto que
não é oferecido
o sangue de
Cristo se falta o
vinho ao cálice,
nem é
celebrado o
sacrifício do
Senhor com
legítima
santificação se
não
corresponde à
(sua) paixão
nossa oblação
e sacrifício.**

**Pois se nem o
mesmo
Apóstolo, nem
um anjo do céu
pode anunciar
ou ensinar
outra coisa fora**

**do que Cristo
uma vez
ensinou e
pregaram os
seus Apóstolos,
muito me
admira de onde
tenha surgido
este fato que,
contra a
disciplina
evangélica e
apostólica, em
certos lugares
se ofereça água
no lugar do
cálice do
Senhor.**

**Somente faz
verdadeiramente
as vezes de
Cristo aquele
sacerdote que
imita aquilo que
Cristo fêz,
oferecendo
então um
sacrifício
verdadeiro e
pleno na Igreja
a Deus Pai se
começa a
oferecê-lo
segundo o que
vê ter sido
oferecido pelo
próprio Cristo.**

**E porque
fazemos
menção de sua
paixão em**

**todos os
sacrifícios, já
que é a paixão
do Senhor o
sacrifício que
oferecemos,
não devemos
fazer outra
coisa senão o
que Ele próprio
fêz.**

**Assim, irmão
caríssimos, se
algum de
nossos
antecessores,
ou por
ignorância ou
por
simplicidade,
não tivesse
observado ou
retido o que
nos ensinou a
fazer o Senhor
com seu
exemplo e
magistério,
pode-se-lhe
conceder
perdão à sua
simplicidade
por parte da
misericórdia do
Senhor. Mas a
nós não se
poderá perdoar,
pois somos
agora
admoestados e
instruídos pelo
Senhor para**

**que ofereçamos
no cálice do
Senhor a
mistura de
vinho segundo
o que ofereceu
o Senhor, e
para que
também a este
respeito
dirijamos cartas
a nossos
colegas para
que se observe
em toda a parte
a lei evangélica
e a tradição do
Senhor, e
ninguém se
afaste do que
Cristo ensinou
e fez".**

PL
4,
373-
89

Muitas outras passagens de Cipriano poderiam ser citadas, assim como de outros antigos autores cristãos com referência a este mesmo tema. Sejam estas, porém, para o nosso propósito, suficientes.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CAPÍTULO VI

Vimos nos capítulos anteriores a natureza da ação sacrificial, e como ela se desenvolveu no povo escolhido do Antigo Testamento. Vimos como Cristo ofereceu a Deus sua própria vida em sacrifício, e como, para que se cumprissem as Escrituras, instituiu um novo sacrifício que representasse perpetuamente entre os homens aquele único sacrifício com que Ele, oferecendo-se uma só vez a Deus, obteve o perdão dos pecados de todos os homens que crendo nEle, o tomam como Redentor.

A Sagrada Escritura, na Epístola aos Hebreus, diz que sempre houve sacrifícios entre o povo eleito, mas que estes não eram capazes de perdoar os pecados. Cristo, entretanto, com

***"com um
único
sacrifício",***

**Heb.
10,
12**

obteve a remissão dos pecados para todos os homens. Ela diz também que ao sacrifício que Cristo fez de sua vida se aplica esta profecia de Jeremias:

**"Eis que
virão dias,
diz o
Senhor, em
que
estabelecerei
com a casa
de Israel e
com a casa
de Judá
uma nova
aliança...**

**... terei
misericórdia
de suas
iniquidades,
e de seus
pecados já
não me
lembrarei".**

Jer .
31 ,
31 -
34
Heb .
10 ,
15 -
18

Como pôde a morte de um homem, fato tão comum e banal na história dos povos, morto às pressas e sem pompa do lado de fora dos muros de uma cidade situada nos confins de um Império que já não mais existe, ser capaz de obter o perdão dos pecados para todos os homens, mesmo para os que ainda hoje vivem? Que há na morte de Cristo que não há na minha, ou na de qualquer outro homem, nem nos sacrifícios da Antiga Aliança, para conseguir um efeito desta envergadura? Para isto conseguir, havia nela, primeiro, ela própria, que por si só já era

mais valiosa do que toda a Criação e, em segundo, o amor com que foi entregue.

Não é difícil perceber que a morte de alguém que fosse ao mesmo tempo Deus e homem é algo maior do que tudo o que há ou pode haver no mundo.

No início da Idade Média Santo Anselmo escreveu coisas belíssimas a este respeito. Considera, diz ele, que estivesses diante de alguém que fosse ao mesmo tempo Deus e homem, e que te dissessem:

***"Se não
matares
este
homem,
perecerá
este
mundo
e tudo o
que não
é
Deus".***

Deverias, pergunta Anselmo, matar este homem para conservares todas as demais criaturas? Certamente que não o deverias fazer, e isto mesmo que te mostrassem um número infinito de criaturas.

Considera, porém, que depois disso te dissessem pior:

***"Então,
se não
matares
este
homem,
todos
os
pecados
do
mundo
cairão
sobre a
tua
alma".***

Que deverias responder?

Que mais preferirias que caíssem sobre a tua alma todos os pecados não só deste mundo, como de todos os que existiram e de todos os que existirão, do que matar a este homem que também é Deus.

Mas por que é esta a resposta que deverias dar? Não é porque a vida deste homem, ou mesmo uma sua pequena lesão, vale mais do que todos os pecados do mundo? Devemos concluir pois que esta vida é mais amável do que são odiáveis todos os pecados de todo o mundo. Devemos concluir que um bem tão amável pode ser suficiente para pagar o que é devido pelos pecados do mundo inteiro, e o pode mais ao infinito. Esta vida, um bem tão grande assim, pode vencer todos os pecados, se por eles for entregue, e o pode muito mais ainda, porque em qualquer satisfação sempre Deus considera, ainda mais do que a quantidade da oblação, o afeto do oferente.

Ainda mais devemos acrescentar que se o Filho de Deus der a sua vida a Deus, ou se oferecer à morte para a honra de Deus, estará fazendo algo que Deus não o exigiria dele como uma obrigação, porque a morte entrou no mundo pelo pecado, e o Deus homem, não tendo pecado, não seria obrigado a morrer.

E temos ainda que Deus é soberanamente justo e infinitamente

bom. Que faria Ele se visse seu Filho oferecer-lhe espontaneamente algo tão grande e tão precioso, algo maior do que tudo o que não é Deus, oferecido com um amor com que jamais tivesse sido amado? Poderia Deus não querer retribuir-lhe?

Mas agora, ó perplexidade! O que Deus poderá dar a seu Filho em retribuição que ele já não tivesse?

Antes que o Filho oferecesse sua vida ao Pai, tudo o que era do Pai também era seu.

E o que se lhe poderá perdoar, se nada devia? Nunca deveu nada que pudesse ter que lhe ser perdoado!

Vê-se, assim, por um lado, a necessidade de ser recompensado, e, por outro, a impossibilidade de se o fazer.

Imagina agora que o Filho quisesse dar a outrem o que a si é devido. Poderia o Pai proibir-lho? Mas a quem mais convenientemente atribuiria o fruto e a retribuição de sua morte senão àquele por quem se fez homem para os salvar, e aos quais morrendo deu o exemplo de morrer pela justiça? Inutilmente seriam seus imitadores, se não pudessem ser partícipes de seus méritos. Ou a quem mais justamente faria herdeiros de sua dívida, da qual ele não necessita, e da exuberância de sua plenitude, do que aos seus pais e irmãos? Nada mais racional, nada mais doce, nada mais desejável o mundo jamais pôde ouvir. É evidente que Deus jamais rejeitará a nenhum homem que dEle se aproxime sob a tutela de seu nome. Verdadeiramente quem sobre este fundamento edifica está alicerçado sobre uma rocha firme. Quem poderá conceber uma misericórdia maior do que o pecador, condenado ao eterno tormento, sem ter como redimir-se, ao qual Deus Pai se dirige e lhe diz:

***"Aceita o
meu Filho
Unigênito,
e ele te
redimirá?"***

E o próprio Filho:

***"Toma-
me
contigo,
e
redime-
te?"***

Pois é de fato isto o que dizem, quando nos chamam à fé cristã e a ela nos trazem.

Até aqui as palavras de Santo Anselmo, reproduzidas com pequenos retoques. Cumpre, porém, continuar o que ele vinha dizendo.

Poderia e deveria algo tão grande e tão sublime ficar esquecido na noite da história, presenciado apenas por algumas poucas testemunhas? Não deveria a sua notícia chegar ao conhecimento de todos os homens, e de um modo que pudesse movê-los não só a tomarem Cristo consigo para sua redenção como também a amarem cada vez mais a Deus que tanta bondade demonstrou por nós? Mais ainda, se este é o fundamento de nossa esperança em que devemos crescer e perseverar, não deveria não só ser anunciado como também tornado vivo e presente na mente e no coração de cada um como uma lembrança entre todas particularmente querida?

De que modo quis Cristo pois que este momento não se afastasse da lembrança dos homens?

Disse-o um dia antes de sua morte, durante a última ceia:

***"Fazei
isto para
celebrar
a minha
memória".***

Naquela noite os Evangelhos que relatariam sua vida e sua morte ainda não existiam; ele poderia ter dito, em vez do que disse, apenas isto:

***"Escrevam
e leiam
isto,
em minha
memória",***

como de fato, depois veio a se fazer. Naquela noite, porém, Cristo não o havia pedido. Em vez disso, ao querer que a Redenção ficasse para sempre na lembrança dos homens, em vez de uma leitura, sua preferência recaiu sobre uma cerimônia a ser celebrada com pão e vinho, e não sem motivo. Quis, com isso, que sua lembrança não ficasse apenas na memória dos homens, mas lhes fosse motivo e ocasião para acendê-los ao amor de Deus. Na última ceia ele havia dito:

***"Como o
Pai me
amou,
assim
também eu
vos amei.***

***Permanecei
no meu
amor.***

***Digo-vos
estas
coisas
para que
vossa
alegria
seja
completa.***

Ninguém

***tem maior
amor do
que aquele
que dá a
vida por
seus
amigos".***

**Jo.
15,
10-
13**

Justamente por este motivo, ao escolher o pão e vinho para ser lembrado, sendo ele sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, quis que sua lembrança fosse também um sacrifício, não para nos merecer novamente a redenção que já tinha merecido de uma vez para sempre, mas para que dela participássemos em um ato que é por sua natureza uma das expressões visíveis mais puras do amor humano para com Deus. Ao dizer do pão:

***"Isto é
o meu
corpo",***

e do vinho:

***"isto é o
meu
sangue",***

palavras que desde o início do Cristianismo nunca foram tomadas apenas simbolicamente, que quis Ele senão que este sacrifício fosse um sacrifício vivo, uma oblação pura, em que fosse oferecidos, segundo o seu próprio dizer,

**"seu
corpo e
seu
sangue
derramado
por nós",**

isto é, sua própria paixão, num sacrifício em que ele próprio estivesse pessoalmente presente? Não se limitou, porém, a querer estar pessoalmente presente, pois acrescentou:

**"Tomai
e
comei",**

e

**"tomai
e
bebei".**

Que quis com isto senão que a Eucaristia fosse também uma refeição e Ele próprio nosso alimento? O alimento, porém, é para a vida, e a vida da alma é a caridade, conforme diz o Apóstolo:

**"Ainda
que tudo
tivesse e
tudo
fizesse,
se não
tiver
caridade,
nada me
aproveita".**

I
Cor.
13,
1

Através da Eucaristia é fortalecida a vida espiritual do homem ao modo de uma comida espiritual e um remédio espiritual; a alma faz uma refeição espiritual por deleitar-se e inebriar-se pela doçura da bondade divina, segundo diz o Cântico dos Cânticos:

***"Comei,
amigos,
e inebriai-
vos,
caríssimos".***

E porque uma refeição espiritual e a caridade não podem existir sem a graça, é manifesto que com esta refeição se confere a graça (S. Tomás de Aquino, Summa Theologiae, III, Q. 79). De outro modo, para que Cristo estaria nela presente, se é para isto que Ele veio ao mundo, segundo São João:

***"A
graça e
a
verdade
vieram
por
meio
de
Jesus
Cristo"?***

Jo.
1,
17

E também:

***"E todos
nós
participamos
de sua
plenitude, e
graça sobre
graça".***

**Jo.
1,
16**

E também ainda:

***"A todos
os que o
receberam,
deu-lhes o
poder de
se
tornarem
filhos de
Deus, os
quais não
do
sangue,
nem da
carne,
nem da
vontade
do
homem,
mas de
Deus
nasceram".***

Jo.

1,

12-

13

Fica assim novamente claro que não há diferença entre dizer que o mandamento do amor é o centro do Cristianismo e dizer que a Eucaristia é o centro do Cristianismo. Pelas razões apontadas, a Eucaristia é, de um modo multiforme, a festa da caridade, o momento em que ela nos é comunicada do modo mais belo, aquilo que está contido por excelência neste sacrifício e nesta refeição.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO VII

Tudo quanto viemos dizendo sempre foi ponto pacífico entre os cristãos desde o início da Igreja até a Idade Média. O primeiro milênio do Cristianismo não assistiu a nenhuma controvérsia de peso sobre o Sacramento da Eucaristia e o Sacrifício da Missa.

As primeiras grandes controvérsias teológicas que precisaram ser resolvidas através dos grandes concílios ecumênicos versaram sobre a Santíssima Trindade, no primeiro e segundo Concílios Ecumênicos; sobre o mistério da Encarnação, no terceiro, quarto, quinto e sexto Concílios Ecumênicos; e o problema das imagens, no Sétimo Concílio Ecumênico.

A literatura cristã do primeiro milênio é abundante em testemunhos sobre a presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas do pão e vinho, assim como da natureza sacrificial da Missa. Mas estes testemunhos, dos quais vimos vários exemplos, não foram definições categóricas do Supremo Magistério da Igreja para dirimirem por sua autoridade uma heresia ou alguma danosa controvérsia teológica, como o haviam sido, por exemplo, as declarações dos Concílios Ecumênicos acima citados sobre os mistérios da Trindade e da Encarnação. E o motivo para este silêncio por parte da autoridade máxima da Igreja durante mais de mil anos foi o já precedentemente apontado. Tratava-se de algo muito claro e que nunca havia sido colocado seriamente em dúvida.

As declarações do Magistério da Igreja em relação à Eucaristia começam a aparecer somente no segundo milênio, primeiro, durante a Idade Média, em relação à presença real de Cristo na Eucaristia, e depois, no final da Renascença, durante a Contra Reforma, sobre a natureza sacrificial da Missa.

Assim é que em 1079 o papa S. Gregório VII obrigou a Berengário a assinar uma confissão em que se lia:

**"Eu, Berengário,
creio de coração
e confesso que o
pão e o vinho,
que são
colocados no
altar, pelo
mistério da
sagrada oração
e pelas palavras
de nosso
Redentor se
convertem
substancialmente
na verdadeira,
própria e
vivificadora
carne e sangue
de Jesus Cristo
Nosso Senhor e,
após a
consagração,
são o verdadeiro
Corpo de Cristo
que nasceu da
Virgem e pela
salvação do
mundo pendeu
da cruz e o
verdadeiro
Sangue de
Cristo que jorrou
de seu lado, na
propriedade da
natureza e na
verdade da
substância.
Assim o creio e
não mais
ensinarei contra
esta fé".**

Pouco mais de um século depois, em 1208, o papa Inocêncio III obrigou os Valdenses a assinarem outra profissão de fé em que se liam expressões semelhantes.

No ano de 1215 o quarto Concílio Ecumênico de Latrão utilizou-se pela primeira vez da palavra transubstanciação para designar a transformação do pão e vinho no corpo e sangue de Cristo, afirmando que

"o corpo e o sangue de Cristo no Sacramento do Altar estão verdadeiramente contidos sob a espécie do pão e do vinho, transubstanciados o pão no corpo, e o vinho no sangue pelo poder divino".

Dos seis Concílios Ecumênicos havidos entre o Quarto Concílio Lateranense e o Concílio de Trento celebrado durante a Contra Reforma, cinco retomam esta doutrina com afirmações semelhantes.

O assunto veio finalmente a ser tratado novamente com todo o seu peso no Concílio de Trento, convocado para examinar a doutrina protestante e organizar a Contra Reforma.

Na XIIIª Sessão do Concílio de Trento, de 11 de outubro de 1551, foi tratada a questão da presença real de Cristo na Eucaristia e da transubstanciação. Entretanto, ao contrário de Berengário e de outros que depois se seguiram, a reforma protestante não se limitou a negar a transubstanciação ou a presença real; ela negou também que a Eucaristia tivesse sido instituída por Cristo como sacrifício. Por causa disso, na vigésima segunda sessão do Concílio de Trento, de 17 de setembro de 1562, veio a ser tratada pela primeira vez por parte da autoridade do Magistério

da Igreja a doutrina do sacrifício da Missa de um modo mais extenso. Nos Concílios anteriores, ao se tratar da Eucaristia, já havia se aludido à Missa como sacrifício, mas foi aqui que pela primeira vez toda uma inteira sessão do Concílio foi dedicada exclusivamente a este tema. Nas atas do Concílio de Trento o tema da Missa enquanto sacrifício é tratado em pouco menos de uma dezena de páginas contendo apenas as decisões finais dos padres conciliares, incluindo doutrina, cânones dogmáticos e normas disciplinares diversas. O Concílio se expressou de uma forma concisa e lapidar; o valor e o significado de cada palavra foi evidentemente cuidadosamente pensado e repensado para significar exatamente o que pretendia ser definido.

Nos decretos desta vigésima segunda sessão do Concílio Tridentino pode-se ler, entre outras coisas:

***"O Sacrossanto
Concílio
Ecumênico de
Trento,
congregado no
Espírito Santo,
para que a
antiga e perfeita
fé e doutrina
acerca do
grande mistério
da Eucaristia
seja conservada
em sua pureza
na Igreja
Católica, ensina,
declara e
decreta que seja
pregado ao
povo que Deus
e Senhor Nosso,
ainda que por
uma única vez
iria se oferecer
a si mesmo a
Deus Pai pela
morte no altar***

**da cruz, para
que obtivesse
(para os
homens) a
eterna
redenção,
porque porém
pela sua morte
o seu
sacerdócio não
deveria se
extingüir, na
última ceia que
celebrou à
noite, para que
à sua amada
esposa a Igreja
deixasse um
sacrifício
visível, assim
como a natureza
dos homens o
exige, pelo qual
aquele sacrifício
cruento a ser
feito na cruz
uma única vez
fosse
representado e
sua memória
permanecesse
até o fim dos
séculos, e
aquela virtude
salvífica fosse
aplicada à
remissão
daqueles
pecados que
por nós
cotidianamente
são cometidos,
declarando-se**

**sacerdote
constituído por
toda a
eternidade
segundo a
ordem de
Melquisedec,
ofereceu a Deus
Pai o seu corpo
e o seu sangue
sob as espécies
de pão e vinho e
sob os símbolos
destas mesmas
coisas entregou-
os aos
apóstolos para
que estes os
tomassem, os
quais assim
constituíu
sacerdotes do
Novo
Testamento, e
aos mesmos e
aos sucessores
destes no
sacerdócio
preceituou por
estas palavras
que o
oferecessem:**

**'Fazei isto em
minha memória',**

**como sempre a
Igreja entendeu
e ensinou.**

**E esta de fato é
aquela oblação
pura, que não**

**pode ser
manchada por
nenhuma
indignidade ou
malícia do
oferente, que o
Senhor predisse
por meio de
Malaquias que
haveria de ser
oferecida em
todo lugar ao
seu nome, o
qual seria
grande entre os
gentios.**

**E já que neste
divino sacrifício,
que se realiza
na Missa, está
contido e é
incruentamente
imolado aquele
mesmo Cristo
que no altar da
Cruz uma única
vez a si mesmo
cruentemente
se ofereceu,
ensina este
Santo Concílio
ser este
sacrifício
verdadeiramente
propiciatório, e
dar-se pelo
mesmo que, se
com coração
verdadeiro e fé
reta, com modo
e reverência,
contritos e**

***penitentes nos
aproximamos
de Deus,
alcançamos
misericórdia e
encontramos
graça no auxílio
oportuno.***

***... Como a
natureza dos
homens é tal
que não possa
facilmente sem
o auxílio das
coisas
exteriores
levantar-se à
meditação das
coisas divinas,
por causa disso
a Santa Mãe
Igreja instituiu
certos ritos e
cerimônias
provenientes da
tradição e
disciplina
apostólicas,
pelos quais as
mentes dos fiéis
fossem
incentivadas à
contemplação
das coisas
altíssimas que
se escondem
neste sacrifício.***

***Quanto cuidado
deve ser
utilizado para
que o santo***

**Sacrifício da
Missa seja
celebrado com
todo o culto e
veneração da
religião,
qualquer um
facilmente
poderá estimar
lembrando-se
que nas
Sagradas
Escrituras é
chamado
maldito aquele
que realiza a
obra de Deus
negligentemente.**

**Porém, se
necessário for,
confessemos
que nenhuma
outra obra pode
ser tratada
pelos fiéis tão
santa e tão
divina como
este tremendo
mistério,
através do qual
aquela divina
hóstia viva, pela
qual somos
reconciliados
com Deus Pai, é
imolada
diariamente no
altar pelos
sacerdotes.**

**Exorta também
este
sacrossanto**

**concílio que os
fiéis presentes
em cada Missa
comunquem
não somente
pelo afeto
espiritual, mas
também pela
recepção
sacramental da
Eucaristia, pela
qual lhes advém
copiosamente
os frutos deste
santíssimo
sacrifício".**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO VIII

Depois do Concílio de Trento o Magistério da Igreja só voltou a fazer intervenções de importância sobre matéria Eucarística no século XX. Elas se iniciaram com a Encíclica *Mirae Caritatis* de Leão XIII de 28 de maio de 1902; não muito tempo depois vieram uma série de pequenos mas decisivos decretos de Pio X sobre o assunto e, finalmente, pouco antes do Concílio Vaticano II, Pio XII publicou a *Mediator Dei*, uma imensa encíclica sobre a Sagrada Liturgia.

Da Encíclica *Mirae Caritatis* pouco temos aqui a dizer; diverso, porém, é o caso dos decretos de Pio X, os quais iniciaram dentro da Igreja um movimento de renovação litúrgica que culminou, antes do Concílio Vaticano II, com a Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII.

Os decretos de Pio X tiveram por origem o fato de que no fim do século passado e no início do presente houve sérias controvérsias entre os católicos a respeito de se seria correto que os fiéis comungassem diariamente e sobre quando as crianças deveriam ser admitidas à primeira comunhão.

Estes dois problemas tinham, por sua vez, profundas raízes históricas. A piedade eucarística entre os leigos havia diminuído sensivelmente desde os primórdios do Cristianismo, um fato de que o próprio São Tomás de Aquino dá testemunho na *Summa Theologiae*. Diz ele, de fato, na Questão 80 da Terceira Parte:

*"Na Igreja
primitiva,
quando mais
vigorava a
devoção da fé
cristã, tinha
sido
estabelecido
que os fiéis
comungariam
diariamente,
conforme*

**consta dos
escritos do
Papa Anacleto.**

**Porém, depois,
diminuído o
fervor da fé, o
papa Fabiano
condescendeu**

**`que se não
mais
freqüentemente,
pelo menos
três vezes ao
ano todos
comungassem,
a saber, na
Páscoa, no
Pentecostes e
na Natividade
do Senhor'.**

**Posteriormente,
porém,**

**`por causa da
abundância da
iniquidade que
esfriou em
muitos a
caridade',**

**Mt .
24 ,
12**

**estabeleceu
Inocêncio III
que**

**`pelo menos
uma vez ao
ano, a saber, na
Páscoa, os fiéis
comungassem"**.

S.T.
IIIa.
Q.80
a.10
ad 5

Na mesma Questão 80 diz São Tomás que seria útil e louvável receber cotidianamente a Eucaristia, se alguém se vir a si mesmo cotidianamente preparado para recebê-la. Citando Santo Agostinho, diz:

**"Recebe o que
diariamente a
ti se oferece,
mas vive de
tal maneira
que
cotidianamente
o mereças
receber"**.

Mas o fato é que já na Idade Média a comunhão diária entre os fiéis leigos era rara, e mais rara ainda na época da Reforma. Nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, escritos nesta época, ele assim se expressa:

***"Para sentirmos
verdadeiramente
com a Igreja,
devemos louvar
muito
confessar-se e
receber o
Santíssimo
Sacramento
uma vez ao ano,
e muito mais
cada mês, e
muito melhor
de oito em oito
dias, com as
condições
requeridas e
devidas".***

Neste texto Santo Inácio não cita a comunhão diária para os leigos, que era vista com reserva por parte do clero. Embora os decretos do Concílio de Trento que vieram logo em seguida não justificassem semelhante atitude, após o mesmo surgiu dentro da Igreja o movimento Jansenista que agravou mais ainda este mal.

Este movimento tomou seu nome do bispo Cornélio Jansens que faleceu em 1638 na Bélgica logo após ter terminado uma obra imensa sobre a doutrina de Santo Agostinho, publicada postumamente com uma declaração do autor de que aceitaria quaisquer correções que a Igreja no futuro julgasse que lhe deveriam ser feitas. Não obstante o seu tamanho e sua complexidade, a obra teve no início uma grande repercussão. Condenada logo a seguir pelas autoridades da Igreja, encontrou entretanto adeptos para defendê-la. Resultado disto foi o reavivamento de uma polêmica que havia se acalmado há não muito tempo na Europa daquele tempo sobre a graça e o livre arbítrio. Acendidos que foram novamente os ânimos, tão rapidamente como havia entrado em cena, o livro de Jansens, que na verdade poucos haviam lido, deixou de despertar interesse e parou de ser editado, mas a controvérsia que ele

havia suscitado continuou devido a uma série de outros autores jansenistas que surgiram e que publicaram obras sobre o livro do falecido bispo ou assuntos relacionados com a polêmica que daí tinha se originado.

Uma destas obras foi "A Comunhão Freqüente", de Antonio Arnauld. Nele o autor tentava mostrar como a Igreja deveria retornar à prática da Igreja primitiva que segundo ele se opunha à comunhão freqüente; que a Eucaristia é recompensa da virtude e não seu alimento; que não é suficiente a absolvição sacramental para a comunhão digna, sendo necessário também uma penitência condigna dos pecados cometidos antes que os fiéis se aproximassem da mesa eucarística da qual deveriam ser afastados todos aqueles em quem não vivesse um amor puríssimo a Deus. Colocações como estas e outras mais ainda foram condenadas na época pela Igreja; mas, à diferença dos líderes da Reforma, os jansenistas aceitavam as sentenças da Igreja. Em vez de cessarem de ensinar suas doutrinas, porém, a cada condenação voltavam a apresentá-las sob novo arcabouço teórico.

Tais doutrinas sobre a comunhão se difundiram em extensão e profundidade, e dividiram não só os leigos, como também o clero. Na França o livro de Arnauld sobre a freqüência da comunhão acabou se tornando o texto mais influente da controvérsia jansenista. Quanto aos frutos, o resultado prático foi o de ter-se feito sentir de tal modo a majestade divina que o povo se afastou dos Sacramentos. "Somos indignos de nos aproximarmos de Deus", diziam. "Necessitaríamos para isto de uma consciência puríssima. É um desrespeito pretender comungar com freqüência".

Vimos como o Concílio de Trento já havia antes disso exortado que "os fiéis presentes em cada missa comunguem não apenas pelo afeto espiritual, mas também pela recepção sacramental da Eucaristia". Não obstante palavras tão claras, as sementes espalhadas pelo Jansenismo fizeram com que ainda no século XIX a Igreja estivesse dividida a respeito de se a prática da comunhão freqüente fosse uma coisa possível.

Foi o Papa Pio X que no início do século XX definiu de uma vez para sempre a questão e começou a chamar novamente a atenção dos fiéis para a liturgia como ponto central da vida

cristã.

As intervenções de Pio X sobre este assunto estão contidas no decreto Tridentina Synoda, no Motu Proprio Tra le Sollecitudini de 22 de novembro de 1903, nas decisões das Sagradas Congregações do Concílio e dos Sacramentos de 20 de dezembro de 1905, 15 de setembro de 1906, 7 de dezembro de 1906 e no decreto da Congregação dos Sacramentos Quam Singulari de 8 de agosto de 1910. Indiretamente e quanto ao contexto, também na Encíclica Acerbo Nimis de 15 de abril de 1905 sobre o Ensino Religioso.

Em uma Encíclica sobre a vida de São Carlos Borromeu, a Editae Saepe de 1910, Pio X fez suas as palavras de São Carlos que resumiam seu programa na questão eucarística:

***"São dignas de
serem
recordadas
aquelas
palavras com
que São Carlos
exortava com
veemência os
pregadores e
demais
oradores
sagrados para
que pregassem
a volta ao
antigo costume
da comunhão
freqüente, o
qual foi tratado
por nós no
decreto
Tridentina
Synoda. Os
párcos e os
pregadores, diz
São Carlos,
com a maior***

**freqüência
possível
exortem ao
povo para os
saudabilíssimos
costumes do
uso freqüente
da Sagrada
Eucaristia,
trazendo para
isto os
exemplos e os
costumes da
Igreja primitiva,
as vozes dos
mais
autorizados
padres, e a
doutrina
riquíssima
neste ponto do
Catecismo
Romano e,
finalmente, a
resolução do
Concílio de
Trento, que
deseja que os
fiéis
comunguem
em cada Missa
não só pelo
afeto espiritual
senão também
pela recepção
sacramental da
Eucaristia.
Advirta-se
também ao
povo, porém,
quando se
aconselha o
uso freqüente**

***dos santos
sacramentos,
de quão grande
perigo e dano
seja acercar-se
indignamente à
Sagrada Mesa
daquele divino
manjar".***

As intervenções de Pio X em matéria litúrgica tinham, porém, começado vários anos antes, com o Motu Proprio Tra le Sollecitudini de 1903. Neste documento, que marca também o início do movimento de renovação litúrgica na Igreja, chamava Pio X a atenção dos fiéis para que

***"a primeira e
principal
fonte do
verdadeiro
espírito
cristão está
na
participação
ativa dos
sacrossantos
mistérios da
Igreja".***

Em 20 de dezembro de 1905 surgiu o primeiro dos decretos fundamentais de Pio X em matéria eucarística. Para entender corretamente certas afirmações nele feitas, deve-se observar que este decreto toma a Eucaristia apenas quanto ao aspecto de refeição espiritual, e não enquanto sacrifício. Com este decreto Pio X, através da Sagrada Congregação do Concílio, punha um fim à discussão em torno da comunhão freqüente:

**"O Sagrado
Concílio de
Trento,
considerando
as inefáveis
riquezas de
graças que
recebem os
fiéis pela
recepção da
Santíssima
Eucaristia,
declarou na
sua Vigésima
Segunda
Sessão:**

**`Desejaria este
Sacrossanto
Sínodo que os
fiéis presentes
em cada Missa
não
comungassem
apenas pelo
afeto espiritual,
mas também
pela recepção
sacramental da
Eucaristia'.**

**Estas palavras
manifestam
abertamente o
desejo da
Igreja de que
todos os fiéis
se aproximem
cotidianamente
deste banquete
celeste, para
obterem por
meio dele mais**

**abundantes
frutos de
santificação.**

**O desejo de
Jesus Cristo e
da Igreja é que
todos os fiéis
se aproximem
diariamente do
banquete
sagrado, cuja
primeira
finalidade não
é garantir a
honra e a
reverência
devidas ao
Senhor, nem
tampouco
servir de
prêmio ou
recompensa
para a virtude
dos fiéis, mas
sim fazer com
que os fiéis,
unidos a Deus
por meio deste
Sacramento,
possam
encontrar nele
força para
vencer os
desejos da
carne, alcançar
o perdão das
culpas leves
cotidianas e
evitar os
pecados mais
graves aos
quais a**

**fragilidade
humana está
inclinada. É por
isto que o
mesmo
Concílio de
Trento chama a
Eucaristia de**

**`antídoto pelo
qual nos
libertamos das
culpas
cotidianas e
nos
preservamos
dos pecados
mortais'.**

**Os primeiros
cristãos,
compreendendo
corretamente
esta vontade
divina,
acorriam
cotidianamente
a esta mesa de
vida e
fortaleza.**

**`Perseveravam
na doutrina dos
apóstolos e na
comunhão e na
fração do pão',**

**At .
2 ,
42**

**o que se
realizou
também nos
séculos
posteriores,
conforme nos
testemunham
os santos
padres e os
escritores
eclesiásticos,
não sem grande
emolumento da
perfeição e da
santidade.**

**Diminuindo,
porém, o fervor
da piedade, e
posteriormente
grassando em
todo o lugar o
contágio
jansenista,
começou-se a
disputar sobre
as disposições
necessárias
para a
comunhão
cotidiana e
freqüente. Estas
disputas
fizeram com
que poucos
fossem
considerados
dignos de
receber a
Santíssima
Eucaristia
diariamente,**

**contentando-se
os outros de
recebê-la
alguns uma vez
ao ano, outros
ao mês, ou no
máximo uma
vez por semana.
Este veneno
jansenista, que
sob as
aparências da
honra e
veneração
devidas à
Eucaristia,
contaminou
também as
almas dos bons,
não
desapareceu de
todo.**

**Não faltaram
porém outros
homens,
dotados de
doutrina e
piedade, que
ensinavam um
acesso mais
fácil a este
costume tão
salutar e aceito
por Deus,
ensinando, pela
autoridade dos
Padres, não
existir nenhum
preceito da
Igreja exigindo
maiores
disposições**

**para a
comunhão
cotidiana do
que para a
comunhão
semanal ou
mensal; mas, ao
contrário, serem
os frutos da
comunhão
cotidiana muito
mais ricos do
que a da
semanal ou
mensal.**

**Muitos pedidos
de homens
eminentemente e de
pastores de
almas têm
chegado a Sua
Santidade para
que se dignasse
dirimir estas
questões,
fazendo com
que este
costume tão
salutar e
desejado por
Deus não
apenas não
diminua entre
os fiéis, como
também
aumente e se
propague em
todo lugar.**

**A Sagrada
Congregação do
Concílio, pois,**

**ouvida Sua
Santidade,
declara e
estabelece que
seja manifesto a
todos os fiéis
de qualquer
ordem e
condição que a
comunhão
freqüente e
diária é
muitíssimo
desejada por
Cristo Nosso
Senhor e pela
Igreja Católica,
de tal modo que
ninguém que
esteja em
estado de graça
e se aproxime
com alma reta e
piedosa à
Sagrada Mesa
possa ser
proibido de
recebê-la. A reta
intenção da
alma consiste
em que quem se
aproxime da
Sagrada Mesa
não o faça
movido pelo
costume, pela
 vaidade ou por
razões
humanas, mas
para satisfazer à
vontade divina,
unir-se mais
estritamente a**

***Ele pela
caridade, e
receber o
auxílio deste
divino remédio
para suas
enfermidades e
defeitos. É
suficiente para
a comunhão
freqüente e
cotidiana que
os fiéis estejam
livres de
pecados
mortais e
simultaneamente
com o propósito
de nunca mais
vir a cometê-
los. Como,
porém, os
Sacramentos da
Nova Lei, ainda
que produzam o
seu efeito ex
opere operato,
todavia
produzem
maiores efeitos
quanto maiores
sejam as
disposições
daqueles que os
recebem, deve-
se por isto
mesmo
procurar que a
Sagrada
Comunhão seja
antecedida de
uma diligente
preparação e***

***seguida de uma
conveniente
ação de graças,
segundo as
forças,
condições e
ofício de cada
um.***

***Todas estas
coisas,
relatadas a Sua
Santidade Pio X
pelo secretário
desta agrada
Congregação,
foram
ratificadas por
Sua Santidade,
que as
confirmou e
ordenou que
fossem
publicadas, não
obstante
quaisquer
disposições em
contrário.***

***Roma ,
20/12/1905"***

Com este decreto acabava a discussão em torno da comunhão freqüente. Ficava, porém, ainda pendente se a comunhão freqüente se estendia também às crianças. O decreto do ano seguinte, de 15 de setembro de 1906, estabelecia que a comunhão freqüente não era apenas recomendada aos maiores, mas também às crianças, para defesa de sua inocência e piedade.

Ficava ainda para resolver a mais espinhosa das questões, sobre a qual pesavam as objeções mais difíceis. A comunhão freqüente era desejável, ela deveria estender-se também às crianças, mas a partir de que idade? A resposta veio a 8 de agosto de 1910, com o Decreto Quam Singulari da Sagrada Congregação do Concílio, o mais belo dos decretos eucarísticos de Pio X.

Entre outras coisas, lia-se no Decreto Quam Singulari o que se segue:

"As páginas do Evangelho demonstram claramente com QUÃO SINGULAR amor Cristo amou às crianças. Com elas se comprazia em conversar; costumava impor-lhes as mãos; as abraçava e as abençoava. E quando os discípulos as afastavam dEle, os repreendia, dizendo que delas era o Reino dos Céus. Quanto fosse o apreço e a estima com que considerava a inocência e a simplicidade de seus espíritos claramente o significou quando em certa

**ocasião,
chamando a si
uma criança, a
colocou entre os
seus discípulos,
dizendo:**

**`Em verdade eu
vos digo, que se
não vos
tornardes e não
vos fizerdes
semelhantes às
crianças não
entrareis no
Reino dos Céus'.**

**A Igreja Católica,
já desde os seus
princípios,
recordando estes
exemplos,
procurou levar as
crianças a Cristo,
por meio da
comunhão
eucarística. O
Quarto Concílio
de Latrão, em
1215, e o Concílio
de Trento
prescrevem a
obrigação de
comungar ao
menos uma vez
por ano a todos
os fiéis assim
que chegarem à
idade da razão.
Assim, por força
destes decretos
ainda vigentes,
todos os cristãos**

***estão obrigados
ainda hoje, assim
que chegarem ao
uso da razão, a
aproximarem-se
ao menos uma
vez por ano ao
Sacramento da
Eucaristia.***

***Porém, ao se
considerar qual
fosse esta idade
do uso da razão
foram-se
introduzindo, no
curso do tempo,
não poucos e
deploráveis
erros. Alguns
exigiam para a
primeira
comunhão os dez
anos, outros
doze, e outros
quatorze e ainda
mais, proibindo-a
às crianças de
menos idade.***

***Este costume,
com a aparência
de respeito ao
Augusto
Sacramento, foi
causa de muitos
males, pois,
separada dos
braços de Cristo
a inocência da
criança, esta
crescia sem
nenhuma***

**disciplina de vida
interior, de onde
se seguia que,
destituída a tenra
idade de tão
valiosa defesa,
caía nos vícios
antes de
saborear os
Santos Mistérios.
E ainda que
depois se
preparem com
mais diligente
instrução à
primeira
comunhão e com
mais cuidadosa
confissão,
sempre será para
se lamentar a
perda da primeira
inocência, o que
talvez teria
podido se evitar
recebendo a
Sagrada
Eucaristia ainda
nos primeiros
anos. Todos
estes danos
causam os que
insistem mais do
que o justo na
preparação para
a primeira
comunhão, não
advertindo que
estes cuidados
procedem de
erros
jansenistas, que
crêem que a**

**Santíssima
Eucaristia é
prêmio das
virtudes, e não
remédio para a
fragilidade
humana. Não se
vê razão justa
para exigir uma
extraordinária
preparação às
crianças que se
encontram na
felicíssima idade
da inocência
entre tantos
perigos e
tentações. Não
de outra maneira
entenderam o
Decreto
Lateranense os
principais
intérpretes e a
prática dos fiéis
daquele tempo.
Temos, ademais,
um testemunho
de notável
autoridade, o de
Tomás de
Aquino, que diz
que**

**`quando as
crianças
começam a ter
algum uso da
razão, de modo
que possam
conceber
devoção à
Eucaristia, então**

**se lhes pode dar
este
Sacramento'.**

**De tudo isto se
conclui que a
idade da razão
para a comunhão
é aquela em que
a criança sabe
distinguir o pão
Eucarístico do
pão comum, para
poder aproximar-
se com devoção
ao altar. Não se
requer, portanto,
perfeito
conhecimento
das coisas da fé,
nem pleno uso da
razão. Diferir,
pois, a
comunhão, e
esperar uma
idade mais
adiantada para
recebê-la é algo
que deve ser
reprovado
absolutamente, e
esta não é a
primeira vez que
a Sé Apostólica o
tem feito.**

**Ponderadas
todas estas
coisas, a Sagrada
Congregação da
Disciplina dos
Sacramentos,
com o fim de**

***conseguir que as
crianças desde
os seus tenros
anos se unam a
Jesus Cristo,
vivam de sua
mesma vida e
encontrem
refúgio contra os
perigos da
corrupção, julga
oportuno
estabelecer que
para a primeira
comunhão não é
necessário um
conhecimento
pleno e perfeito
da doutrina
cristã. A criança
irá aprendendo
depois e por
etapas todo o
Catecismo à
medida em que
se vá
desenvolvendo a
sua inteligência.
O conhecimento
que se exige de
uma criança para
que se prepare
convenientemente
à primeira
comunhão é
aquele pelo qual
ela conheça,
segundo as suas
capacidades, os
mistérios da
religião cristã
que são
necessários para***

**a salvação com
necessidade de
meio
(necessidade de
meio: veja nota
explicativa) e
que, ademais,
distinga o pão
Eucarístico com
a devoção que a
sua idade
permita. A
obrigação do
preceito de
comungar que
obriga à criança
recai
principalmente
sobre aqueles
que devem
cuidar dela, isto
é, sobre seus
pais, seu
confessor, seus
mestres e seu
pároco. Ademais,
os que cuidam
das crianças
devem procurar
com toda a
diligência que
depois da
primeira
comunhão se
aproximem com
frequência, se
possível cada
dia, da Sagrada
Mesa, segundo
que é o desejo de
Jesus Cristo e da
Santa Mãe Igreja,
e que o façam**

**com a devoção
de alma própria
de sua idade.
Recorde-se,
ademais, àqueles
a quem o
incumbem, da
gravíssima
obrigação que
têm de cuidar
que as crianças
continuem
assistindo à
catequese
pública; e se isto
não é possível,
providenciem de
outro modo à sua
instrução
religiosa.**

**Estas coisas
decretadas pela
Sagrada
Congregação as
aprovou nosso
Santíssimo Padre
o papa Pio X, o
qual mandou
ademais que
todos os bispos
notificassem este
decreto não
apenas aos
párocos e ao
clero, mas
também ao povo,
ao qual quer que
seja lido todos os
anos em língua
vernácula. Todos
os bispos
deverão,**

***ademais, a cada
cinco anos,
prestar contas à
Santa Sé sobre a
observância
deste decreto".***

Sabe-se que Sua Santidade não se limitou à promulgação destes decretos para facilitar a Eucaristia às crianças; muitas vezes e nas mais diversas circunstâncias mostrou pelo seu exemplo o que ele entendia concretamente pela idade em que as crianças já podiam receber a Cristo sacramentado. Nas palavras de seu biógrafo,

***"sabia-se que o
Papa
aproveitava
pessoalmente
todas as
ocasiões para
dar o mais
cedo possível a
comunhão aos
pequenos.
Fizera-o em
Veneza,
quando era
arcebispo, e
fazia-o no
Vaticano,
quando as
audiências lhe
proporcionavam
oportunidade
para isto, antes
e depois do
decreto Quam
Singulari".***

***"Uma dama
inglesa",***

continua o biógrafo,

**"apresentou-
lhe o filho,
pedindo-lhe
a bênção.**

**- Quantos
anos tem?**

**- Quatro,
Santidade, e
espero que
em breve
possa
receber a
comunhão".**

**O Papa
então
travou um
diálogo com
o menino:**

**- "A quem
vais receber
na
Comunhão?**

**- A Jesus
Cristo.**

**- E Jesus
Cristo,
quem é?**

**- É Deus,
respondeu
o menino,
sem**

titubear.

***- Traga-me
este menino
amanhã,
disse o
Papa à mãe,
e eu próprio
lhe darei a
comunhão".***

**J.M.
Javierre:
Pio X;
Coimbra,
1959, p.
274**

Exemplos como este, numerosos por parte de Pio X, juntamente com os seus decretos eucarísticos, passaram logo em seguida para o Código de Direito Canônico, o primeiro da História, que estava sendo compilado nesta época. Promulgado em 1917, mas elaborado em sua quase totalidade durante o pontificado de Pio X, o Código dizia no Cânon 12 que

***"as leis
meramente
eclesiásticas
não obrigam
aos que não
completaram
sete anos,
mesmo que
tenham
alcançado o
uso da razão,
a não ser que
expressamente
se declare
diferentemente***

no Direito".

Com isto ficava estabelecido que a obrigação de assistir à missa aos domingos só se iniciava com os sete anos completos. Mas, quanto à comunhão anual, o Cânon 859 estabelecia que

***"todo fiel,
de um ou
outro
sexo,
depois que
tiver
alcançado
o uso da
razão,
deve
receber o
sacramento
da
Eucaristia
pelo
menos
uma vez
por ano na
época da
Páscoa".***

Com isto as crianças ficavam obrigadas ao preceito da comunhão anual mesmo antes dos sete anos, desde que tivessem alcançado o uso da razão. Esta obrigação, porém, de modo geral recaía sobre os pais, conforme o Cânon 860 que afirmava que

**"a
obrigação
do preceito
de receber
a comunhão
que tem os
impúberes
recai
também, e
de uma
maneira
especial,
sobre
aqueles que
devem
cuidar dos
mesmos,
isto é, pais,
tutores,
confessores,
professores
e párocos".**

O Cânon 854 ainda acrescentava:

**"Para que possa e
deva administrar-
se o sacramento
da Eucaristia às
crianças em
perigo de morte,
basta que saibam
distinguir o corpo
de Cristo do
alimento comum e
adorá-lo
reverentemente" (§
2).**

**"Fora do perigo
de morte,**

***merecidamente se
exige um
conhecimento
mais pleno da
doutrina cristã e
uma preparação
mais cuidadosa, a
qual consiste em
que as crianças
conheçam,
segundo a sua
capacidade, os
mistérios
necessários para
a salvação com
necessidade de
meio e se
aproximem para
receber a
Santíssima
Eucaristia com
devoção
proporcional à
sua tenra
idade" (§ 3).***

***"O pároco tem o
dever de procurar
que os que já
chegaram ao uso
da razão e
estejam
suficientemente
dispostos sejam
alimentados o
quanto antes com
esse divino
manjar" (§ 5).***

Em 1983 João Paulo II revogou o Código de Direito Canônico de 1917, promulgando outro atualmente vigente. Neste novo código, porém, as mesmas disposições de Pio X são mantidas,

de modo que a disciplina da comunhão das crianças continua vigorando até os dias de hoje.

No Cânon 11 declara-se que a obrigação da missa dominical somente se inicia aos sete anos de idade, pois nele lemos que

***"Estão
obrigados às
leis
meramente
eclesiásticas
os batizados
na Igreja
Católica que
gozem de
suficiente uso
da razão e, a
não ser que
outra coisa
expressamente
se estabeleça
no Direito,
tenham
completado
sete anos de
idade".***

Mas a obrigação da comunhão anual, cuja responsabilidade cai primeiramente sobre os pais da criança, se inicia não aos sete anos, mas com a idade da razão. É o que se lê no Cânon 914 do novo Código:

"Primeiramente os pais, ou quem fizer as suas vezes, tem o dever de procurar que as crianças, ao atingirem o uso da razão, se preparem convenientemente e recebam o quanto antes este divino alimento, feita previamente a confissão sacramental".

Quase repetindo as mesmas palavras do antigo Cânon 845, o Cânon 913 do novo código diz o seguinte:

"Pode administrar-se a Santíssima Eucaristia às crianças que se encontrem em perigo de morte, se puderem discernir o corpo de Cristo do alimento comum e comungar com reverência" (§ 2).

Fora do perigo de morte,

***"para que a
Santíssima
Eucaristia
possa ser
administrada
às crianças,
requer-se
que elas
possuam
conhecimento
suficiente e
preparação
cuidadosa,
de forma que
possam
aperceber-
se, segundo
sua
capacidade,
do mistério
de Cristo e
receber o
corpo do
Senhor com
fé e
devoção" (§
1).***

Conforme pode ser deduzido da explicação contida na nota já mencionada no final deste capítulo sobre a distinção entre necessidade de meio e necessidade de preceito, a expressão do antigo Cânon 845, "uma preparação mais cuidadosa, a qual consiste em conhecer os mistérios necessários para a salvação com necessidade de meio", e a do novo Cânon 913, "uma preparação cuidadosa, de forma que possam aperceber-se do mistério de Cristo", são equivalentes.

Que o espírito dos decretos de Pio X estava conduzindo, nesta matéria, a legislação pós conciliar sobre a qual se baseou o novo Código foi coisa confirmada por algumas declarações oficiais pós conciliares.

No adendo ao Diretório Catequístico Geral de 11 de abril de 1971 da Sagrada Congregação para o Clero citava-se o decreto Quam Singulari, afirmando-se que

"deve-se considerar como a idade adequada para receber estes sacramentos", (isto é, a penitência e a eucaristia), "como sendo aquela que nos documentos da Igreja é chamada como idade da razão ou da discricção. Esta idade é, conforme o decreto Quam Singulari, tanto para a confissão como para a comunhão, aquela em que a criança começa a raciocinar, isto é, aproximadamente o sétimo ano, pouco mais ou pouco menos. A partir deste momento se inicia a

***obrigação de
satisfazer a
ambos os
preceitos da
confissão e da
comunhão".***

**Diretório
"Ad
Normam
Decreti"
11/04/71,
Addendum,
nº1**

Dois anos depois a Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos e a Sagrada Congregação para o Clero publicaram uma declaração conjunta em que se lia:

***"O Santo
Pontífice Pio
X, no decreto
Quam
Singulari de 8
de agosto
1910,
estabeleceu
que as
crianças
recebessem
os
sacramentos
da penitência
e da
Eucaristia a
partir da
idade da
discrição.
Este preceito,
colocado em***

**prática em
toda a Igreja,
trouxe e
ainda traz
muitos frutos
de vida cristã
e de
perfeição
espiritual.**

**... As
Sagradas
Congregações
para a
Disciplina
dos
Sacramentos
e para O
Clero, por
meio deste
documento, e
com a
aprovação do
Sumo
Pontífice
Paulo VI,
declara ...**

**que o decreto
Quam
Singulari seja
obedecido
por todos e
em todo o
lugar".**

**Declaração
Conjunta
24/05/73**

Em 1977 estas duas Sagradas Congregações publicaram uma nova resposta a respeito de se antes da primeira comunhão das crianças devia antepor-se a primeira confissão. A questão foi respondida afirmativamente, mas, como era esta a terceira vez que a Igreja pós conciliar se manifestava de modo idêntico sobre o mesmo problema, ambas as congregações resolveram acrescentar a esta resposta as seguintes palavras:

***"A mente
desta
declaração
é que com
ela se
restitua a
Igreja ao
espírito
do
decreto
Quam
Singulari".***

**Declaração
Conjunta
20/05/77
AAS 69,
1977, 427**

O que na prática toda esta legislação significa é que, se uma criança é filha de pais verdadeiramente cristãos, ela não necessita e não deve esperar uma determinada idade para participar de um ou dois anos de catequese para receber a primeira comunhão. Assim que ela possa compreender, segundo a sua capacidade, os principais mistérios da fé cristã e distinguir o pão eucarístico do pão comum, pode e deve confessar-se e receber a primeira comunhão imediatamente qualquer que seja a sua idade; isto não apenas é uma obrigação como é também um direito que não lhe pode ser tirado; seja não só levada à mesa eucarística uma vez ao ano, mas o mais freqüentemente possível, e paralelamente a isto, na catequese paroquial e principalmente em casa, seja alimentada pelos pais

pelo exemplo, pela doutrina e pela vida de oração na profundidade dos mistérios da fé, na esperança dos bens eternos e no amor sobrenatural para com Deus e o próximo.

Proceder diferentemente seria cair no novamente erro já duas vezes milenar em que os apóstolos caíram e foram reprovados por Cristo, conforme diz Marcos o evangelista:

***"Algumas
pessoas
apresentaram
a Jesus
algumas
crianças para
que as
tocasse, mas
os discípulos
reprendiam
os que as
apresentavam.
Quando
Jesus viu
isso indignou-
se. E lhes
disse:***

***“Deixai vir a
mim as
criancinhas;
não as
impeçais,
porque das
que são como
elas é o Reino
de Deus”.***

**Mc .
10 ,
13 -
14**

NOTA SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE NECESSIDADE DE MEIO E NECESSIDADE DE PRECEITO

**Os mistérios da fé
em que é
necessário crer
por necessidade
de meio são ditos
aqueles que, por
contraposição aos
que é necessário
crer apenas por
necessidade de
preceito, sem eles
não seria possível
alcançar a
salvação, ainda
que ignorados
inculpavelmente.**

**Não é tarefa
simples
determinar quais
sejam eles com
certeza absoluta.
Independentemente
da certeza
dogmática, porém,
em casos em que
algo tão
importante está
em jogo, a moral
cristã exige que se
siga o caminho
mais seguro,
conforme a
sentença de Santo
Afonso:**

**"Não é
lícito em
matéria de
fé e em
tudo aquilo
que diz
respeito à
eterna
salvação
por
necessidade
de meio
seguir uma
opinião
menos
provável, e
nem
mesmo a
mais
provável,
mas sim a
mais
segura".**

S.
Afonso
Liguori
Theologia
Moralis
Lb. I, C.
III, n°
43

**Considera-se
que é
certamente
de
necessidade
de meio crer
explicitamente
na existência
de Deus e
que Ele é
remunerador
dos bons na
ordem
sobrenatural
com um
prêmio
eterno. Esta
afirmação
baseia-se em
uma
afirmação
explícita da
Epístola aos
Hebreus:**

***"Sem fé é
impossível
agradar a
Deus,
porque
quem se
aproxima
de Deus
deve crer
primeiro
que Ele
existe e
que
recompensa
aqueles
que o***

procuram".

Heb.
11,6

Em segundo lugar, todo o conjunto do Novo Testamento sugere também que, após a suficiente promulgação do Evangelho, a fé explícita no Mistério de Cristo, de sua Encarnação e de sua Paixão e Redenção, também é de necessidade de meio, conforme o que está escrito nos Atos dos Apóstolos:

***"Não há
sob o céu
outro
nome,
dado aos
homens,
pelo qual
possamos
salvar-
nos".***

**Segundo
Santo
Afonso, esta
é a posição
mais
provável,
mas ele
também
afirma não
ser
improvável a
posição dos
que afirmam
que, devido a
uma
ignorância
invencível,
seria
suficiente
apenas uma
fé implícita
nestes
mistérios.**

**Em
conseqüência
do mistério
de Cristo, S.
Tomás de
Aquino**

**coloca que a
fé explícita
no mistério
da
Santíssima
Trindade é
também de
necessidade
de meio:**

**"O
mistério
de Cristo
não pode
ser objeto
de fé
explícita
sem a fé
na
Trindade,
porque
está
contido
no
mistério
de Cristo
o Filho ter
tomado a
carne
humana,
ter
renovado
o mundo
pela graça
do
Espírito
Santo, e
ter sido
concebido
pelo
espírito**

**Santo, e
todos os
que
renascerem
em Cristo
o fazem
pela
invocação
da
Santíssima
Trindade,
segundo
Mateus
28,19:**

**"Ide, e
ensinai
todos os
povos,
batizando-
os em
nome do
Pai, do
Filho e do
Espírito
Santo".**

Summa
Theologiae
IIa IIae,
Q.2 a.8

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



CAPÍTULO IX

Para compreender um pouco melhor o papel da Liturgia em Pio X e no movimento litúrgico que a ele se seguiu dentro da Igreja, deve-se mencionar que todas as obras deste Pontífice obedeceram a um objetivo único e bem definido que ele expressou desde os inícios de seu pontificado. Em 1903 Pio X o declarou em sua primeira encíclica, e fêz dele o seu programa e o seu lema:

***"Nosso
objetivo
único, no
exercício
do Sumo
Pontificado,
é restaurar
tudo em
Cristo a
fim de que
Cristo seja
tudo em
tudo. Se
nos
pedirem
um lema
que
traduza o
próprio
fundo de
nossa
alma,
jamais
daremos
outro
senão
este:***

***`Restaurar
todas as
coisas em***

Cristo'''.

**Encíclica
`E Supremi
Apostolatus'**

Para alcançar este objetivo, Pio X chamou primeiro a atenção da Igreja para a realidade do ensino religioso. Explicou o que entendia por esta expressão e mostrou a impossibilidade da Igreja sanear a triste situação da cristandade de seu tempo sem ser através deste meio:

***"Ninguém a
quem
anima o
zelo da
glória
divina
deixará de
investigar
as causas e
as razões
dos males
de que
padece o
Cristianismo
em nossos
dias",***

escreveu Pio X.

**"Conforme
cada qual
encontrar
causas e
razões
diversas,
proporá
meios
diversos
para
restaurar o
Reino de
Deus sobre
a terra. Nós
estamos,
porém, com
aqueles
que
pensam
que a
debilidade
das almas e
a
espessura
das trevas
que as
envolvem
derivam da
ignorância
das coisas
divinas".**

**"A primeira
e a maior
das
obrigações
dos
pastores de
almas é a
de ensinar
ao povo
cristão".**

**"Há
sacerdotes
que
supõem
que com
seus
sermões
satisfazem
a obrigação
de ensinar;
certamente
não
negamos a
aprovação
devida aos
oradores
sagrados,
mas é
freqüente
que
discursos
floreados,
recebidos
com
aplausos
por
assembléias
numerosas,
só sirvam
para
encantar os
ouvidos,
sem
comover as
almas.**

**Em troca,
ao ensino,
ainda que
simples e
humilde, se
aplicam as
palavras do**

**Senhor por
meio do
profeta
Isaías:**

**`Assim
como a
chuva e a
neve do
céu
descem e
não voltam
para lá sem
terem antes
irrigado a
terra, e a
terem
fecundado
e feito
germinar, e
dar
semente ao
semeador e
pão para
comer,
assim será
a palavra
que sair de
minha
boca, diz o
Senhor;
não voltará
a mim
vazia, mas
antes,
operará
tudo o que
me agrada,
e obterá o
escôpo
para o qual
a mandei'.**

Is.
55,
10-
11

***De onde
inferimos que se
a fé definha em
nossos dias a
ponto de que em
muitos parece
morta, cumpriu-
se
descuidadamente
ou se omitiu de
todo a obrigação
de ensinar as
verdades da
doutrina cristã".***

***"É para o nosso
coração uma
grande tristeza e
uma contínua
dor verificar que
se pode aplicar
aos nossos dias
esta queixa de
Jeremias:***

***`As crianças
pediram pão, e
não havia
ninguém para
lhes repartir este
pão'.***

Jer.

4,

4

Efetivamente,
não falta no
clero quem,
cedendo a
gostos
pessoais,
dispenda a
sua
atividade em
coisas de
utilidade
mais
aparente do
que real; ao
passo que
menos
numerosos
são talvez
os que, a
exemplo de
Cristo,
tomam para
si as
palavras do
profeta:

“O Espírito do
Senhor deu-me
a unção, e
enviou-me a
evangelizar os
pobres, a curar
os que tem o
coração
partido, a
anunciar aos
cativos a

**libertação, e a
luz aos cegos'.**

**Luc.
4,
18-
19**

***E, no entanto,
a ninguém
escapa que o
principal meio
de restituir as
almas a Deus é
o ensino
religioso. Foi
por isto que
Cristo deu aos
Apóstolos este
preceito:***

***"Ide e ensinai
todas as
nações"***

***"Muitas obras
úteis e dignas
de louvor tem
sido
estabelecidas
nas diversas
dioceses, mas
antes de tudo
o mais, com
toda a energia,
todo o zelo e
toda a
assiduidade
possível deve-
se cuidar***

***esmeradamente
de que o
conhecimento
da doutrina
cristã chegue e
penetre em
todas as
almas".***

**E
Supr .
Apost . ,
1903
Acerbo
Nimis ,
1905**

É dentro deste contexto que devem ser vistas as intervenções de Pio X em matéria eucarística; elas se seguiram às do ensino religioso e as completam, formando como que um só programa. Basta reexaminar atentamente os decretos eucarísticos de Pio X para ver como o ensino religioso de que ele fala é inseparável da piedade litúrgica; neles a piedade litúrgica é que fornece o próprio método do ensino religioso.

Pio X chamou primeiro a atenção da Igreja para o caráter central da Eucaristia na vida cristã, para o seu caráter de fonte primeira e indispensável do espírito cristão, afirmação sobre cujo sentido já discorreremos longamente. Vimos como a Eucaristia, enquanto sacramento, foi instituída como refeição espiritual para alimento da caridade, efeito que tem sido constatado ao longo da história da Igreja por todos aqueles que se acercaram dignamente deste sacramento:

**"Maravilhoso
é este
Sacramento
em que uma
inefável
eficácia
inflama os
afetos com
o fogo da
caridade",**

diz Tomás de Aquino no Sermão sobre o Corpo de Cristo.

**"Confere o
aumento da
virtude, faz a
graça
superabundar,
purga os
vícios, refresca
a alma, inspira
a esperança e
aumenta a
caridade. A fé
amadurece, e a
devoção e a
caridade
fraterna são
aqui
saboreadas. É
a nascente da
vida e a fonte
da graça.
Perdoa o
pecado e
enfraquece a
concupiscência.
Os fiéis
encontram aqui
a sua refeição,
e as almas um**

***alimento que
ilumina a
inteligência,
inflama os
afetos, purga
os defeitos,
eleva os
desejos. Ó
cálice de
doçura para as
almas devotas,
este sublime
Sacramento, ó
Senhor Jesus,
declara para os
que crêem tuas
maravilhosas
obras".***

Nada mais coerente, pois, do que desenvolver em torno da piedade eucarística o ensino religioso, porque, conforme diz S. Paulo, ensinar ou

***"falar,
ainda
que
fosse na
língua
dos
anjos,
sem
possuir
a
caridade,
nada é".***

1
Cor .
13

Vimos então como em consonância com isto os decretos eucarísticos de Pio X exortam os cristãos à comunhão freqüente e cotidiana, e o mesmo às criancinhas; como Pio X desejava que as criancinhas fossem iniciadas o quanto antes na recepção o mais freqüente possível da Eucaristia, assim que tivessem as condições mínimas de entendimento para fazê-lo; é, em seguida, em torno da vida da graça proporcionada por este banquete cotidiano da caridade que ele deseja que se vá instruindo a criança mais profundamente na doutrina cristã, já saboreando

***"quão
suave é
o
Senhor".***

1
Pe .
2,
3

É evidente que Pio X quer mostrar como a Eucaristia, contendo a centralidade do Cristianismo, é capaz de fazer gravitar poderosamente em torno de si o ensino da mensagem cristã, segundo também as palavras de São Paulo:

***"Minha
pregação
não
consistiu em
palavras
persuasivas
de humana
sabedoria,
mas na
manifestação
do espírito e
da virtude
de Deus,
para que a
vossa fé não
se baseie
sobre a
sabedoria
dos
homens,
mas sobre o
poder de
Deus".***

***I
Cor .
2 ,
4-5***

A citação não é abusiva. Não há, na verdade, obra maior para manifestar o poder de Deus do que a santificação de uma alma pela caridade:

***"Maior
obra",***

diz Agostinho,

**"é a
santificação
de uma alma
do que criar
o céu e a
terra; o céu e
a terra
passarão, a
caridade,
porém,
permanecerá
eternamente".**

In
Jo.
tr. 72
ML
35,
1823

Pio X mostrou assim para a Igreja não apenas a centralidade da Liturgia na vida cristã, mas também a indissolubilidade que deve existir entre o ensino e a liturgia para que aquele produza os seus mais belos frutos; fêz, entretanto, ainda algo mais ao mostrar como ambas estas coisas devem se iniciar o mais cedo possível nas crianças. Ao fazer isto, retomava estas impressionantes palavras de São João Crisóstomo que, pronunciadas no século quinto, não tiveram talvez em sua época o eco que mereciam:

***"Hoje em dia
estamos
procedendo tal
como o médico
que não
dissesse uma
só palavra ao
enfermo
quando este
começa a
sentir o mal
que irá invadí-
lo e nem lhe
receitasse
remédio de
tipo algum; em
compensação,
quando o
paciente
estivesse já
perdido e sem
esperança,
começasse a
ditar leis de
todos os
modos
possíveis. É
assim que os
legisladores
nos educam
quando nos
encontramos já
extraviados. A
pedagogia
mais excelente
não consiste
em permitir
que primeiro
nos domine a
maldade para
então buscar a
maneira de
afastá-la de***

***nós, mas sim
em por todo o
nosso esforço
para nos
tornarmos
imunes a ela.***

***Se todos
adotássemos
este modo de
pensar e
tratássemos
antes de todas
as coisas de
levar as
crianças à
virtude, bem
persuadidos de
que isto é o
importante e
tudo o mais é
acessório,
seriam tantos
os bens que
daí resultariam
que, se os
tentasse
enumerar,
daria a
impressão de
estar louco.***

***Mas se alguém
quiser
conhecer
pessoalmente
estes bens,
poderá vê-los
muito bem e
realmente não
entre os
homens que
vivem nesta***

*cidade, mas
entre aqueles
que estão
vivendo no
deserto por
amor a Cristo.
Se fores visitar
aqueles que
presentemente
estão vivendo
no deserto e
tiveres lido o
que nos
contam as
Sagradas
Escrituras
sobre alguns
de seus mais
ilustres
personagens,
constatarás
que nos
monges de
hoje e antes
deles nos
apóstolos, e
antes dos
apóstolos, nos
justos do
Antigo
Testamento,
resplandeceram
estes bens
como em um
exemplo
acabado. Dar-
me-ás então
muitas graças,
ou melhor
dizendo, as
darás a Deus
antes do que a
nós, ao*

**contemplar
como floresce
de fato na terra
a vida do céu e
como por meio
dela se torna
verossímil até
aos olhos do
infiel a
doutrina dos
bens eternos e
da
ressurreição
da carne. A
prova de que
isto não é falar
por falar está
em que,
quando
referimos aos
infiéis a vida
destes homens
que estão
habitando no
deserto, nada
nos tem a
objetar; apenas
nos
respondem
que é muito
pequeno o
número dos
que alcançam
esta perfeição.**

**Se, porém, nas
cidades
semeássemos
também esta
semente, se a
disciplina do
bem viver se
convertesse**

**em lei e
costume e
fossemos
ensinar às
crianças a
serem amigas
de Deus antes
que se lhes
ensinasse
qualquer outra
coisa, e as
instruíssemos
nos
ensinamentos
do espírito no
lugar dos
demais e antes
do que todos
os demais,
desde agora
começaríamos
a gozar todos
nós aquilo que
Isaías diz da
vida do céu,
que**

**'dela fugiu a
dor, a tristeza e
o gemido'**

**Is.
51,
11**

***e se assim
fizéssemos,
o gênero
humano
tocaria os
próprios
limites da
natureza
dos
anjos".***

**S. João
Crisóstomo
Adversus
Impugnatores
Vitae
Monasticae
L. III**

Não foi S. João Crisóstomo o primeiro a apontar a posição privilegiada das crianças para a frutificação do trabalho de evangelização; Cristo Jesus já o havia dito:

***"Deixai vir
a mim as
criancinhas,
pois delas
é o Reino
dos Céus",***

**Mat.
19,
14**

o que não é outra coisa senão dizer que nelas, por excelência, é onde o Reino dos Céus pode dar os seus frutos mais abundantes; o Reino dos Céus pertence àqueles que o fazem

frutificar (Mat. 21,43). Cinco séculos depois, João Crisóstomo percebeu esta verdade como poucos; muito mais tarde, ao chamar a atenção da Igreja para a Eucaristia como foco da vida cristã, Pio X fêz emergir novamente estas verdades. O Concílio Vaticano II e a legislação pós conciliar, embora citando expressamente, através do documento da Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino de 20 de maio de 1977, o desejo de "restituir a Igreja ao espírito do decreto *Quam Singulari*", insistiu mais na Eucaristia como foco da vida cristã do que na questão das crianças, embora seja nosso parecer que a história da Igreja ainda trará novamente à tona este tema. Com o que, talvez mais admiravelmente ainda, vemos concretizar-se a profecia de Isaías sobre o modo com que se realizaria a obra de Cristo:

*"Eis o
meu
servo, que
eu
amparo,
o meu
eleito, a
delícia do
meu
coração.
Coloquei
sobre ele
o meu
espírito,
e ele
levará o
direito às
nações.*

*Não
gritará,
nem
levantará
a voz,
nem se
fará ouvir
pelas
praças;*

**não
quebrará
a cana
rachada,
nem
apagará a
mecha
que ainda
fumega.**

**Mas com
firmeza
promoverá
o direito,
sem
ceder,
nem
deixar-se
abater,
até que
tenha
implantado
na terra o
direito,
e a sua
doutrina,
que praias
distantes
esperam".**

Is.
42,
1-
4

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CAPÍTULO X

Os exemplos e as intervenções de Pio X não tardaram a produzir os frutos esperados. Foram eles que deram início ao movimento de renovação litúrgica que iria chegar, dois pontificados mais adiante, a um ponto alto com a publicação da encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, em novembro de 1947.

Esta encíclica é na verdade uma monumental obra de Teologia, e constitui, juntamente com as atas do Concílio Tridentino, os dois mais importantes documentos do Magistério da Igreja sobre a Missa antes do Concílio Vaticano II. As citações que se seguem, tiradas da *Mediator Dei*, embora um pouco extensas, representam, entretanto, apenas uma pequena parte da encíclica, cuja outra característica é o seu caráter unusualmente longo entre os textos pontifícios.

Um dos primeiros cuidados de Pio XII na *Mediator Dei* foi o de estabelecer a inexistência de oposição entre ascese e liturgia, e como a primeira deve ser considerada como uma preparação para a segunda.

***"Todo o
culto
que a
Igreja
presta a
Deus
deve ser
interno
e
externo",***

diz Pio XII no nº 19 da encíclica.

**"Deve ser
externo,
porque assim
o pede a
natureza do
homem, que
é composto
de alma e
corpo". (MD
20)**

**"Mas o
elemento
principal do
culto deve
ser interno,
de outro
modo a
religião se
torna um rito
vã e um
formalismo
sem sentido".
(MD 21)**

**"Estão,
portanto,
muito longe
da verdadeira
e autêntica
noção da
Sagrada
Liturgia
aqueles que a
julgam como
sendo apenas
a parte
externa e
sensível do
culto divino".
(MD 22)**

"A todos

**deve ser
notório que
não se pode
dar
dignamente
honra a Deus
sem que os
espíritos se
elevem em
busca da
perfeição".
(MD 23)**

**"A autêntica e
verdadeira
piedade, que
São Tomás
chama de
devoção, tem
necessidade
da meditação
das
realidades
sobrenaturais
e dos
exercícios
espirituais,
para se
alimentar,
estimular e
revigorar e
nos mover à
perfeição".
(MD 29)**

**"Ensinando a
fé católica e
exortando-
nos à
observância
dos preceitos
cristãos, a
Igreja prepara**

***o caminho à
sua missão
propriamente
sacerdotal e
santificadora".
(MD 31)***

***"A atividade
privada e o
esforço
piedoso que
leva os
homens à
purificação
interior,
estimulando
as energias
dos fiéis,
dispõe-nos a
participarem
com
melhores
disposições
do Augusto
Sacrifício do
Altar e a
receber os
Sacramentos
com maior
fruto". (MD
32)***

***"Por
consequente,
na vida
espiritual
nenhuma
oposição ou
repugnância
pode haver
entre a vida
ascética e a
piedade***

***litúrgica, e é
por estes
motivos que
ordena a
Igreja aos
ministros do
altar que em
tempos
determinados
se entreguem
à meditação e
outros
exercícios
espirituais".
(MD 33)***

Passa então o Santo Padre a expor a extensão da autoridade que a Igreja tem para estabelecer ou modificar os ritos litúrgicos:

***"A hierarquia
eclesiástica
usou sempre
de seu direito
em matéria
litúrgica,
ordenando o
culto divino e
enriquecendo-
o sempre de
novo
esplendor e
brilho para a
glória de
Deus e
proveito dos
fiéis. Não
duvidou, além
disso, salvo a
substância do
Sacrifício***

***Eucarístico e
dos
Sacramentos,
mudar o que
já não tinha
razão de ser e
acrescentar o
que melhor
parecia
contribuir
para
aumentar a
honra de
Jesus Cristo
e da
augustíssima
Trindade".
(MD 45)***

***"A Sagrada
Liturgia
consta de
elementos
divinos e
humanos; os
elementos
divinos é
evidente que
não podem
ser mudados
pelos
homens; ao
contrário, os
elementos
humanos
podem sofrer
várias
modificações,
aprovadas
pela
hierarquia
eclesiástica
com o auxílio***

**do Espírito
Santo,
conforme as
exigências
dos tempos e
as
necessidades
das almas.
Tudo isto é
prova da
vitalidade da
intimorata
Esposa de
Cristo". (MD
46)**

**"Só o Sumo
Pontífice tem
o direito de
reconhecer e
estabelecer
costumes
litúrgicos,
introduzir e
aprovar
novos ritos e
mudar
aqueles que
julga deverem
ser
mudados".
(MD 54)**

**"A liturgia da
antiga idade
é, sem
dúvida, digna
de veneração;
mas um
antigo uso,
só pelo fato
de sua
antiguidade,**

**não é o
melhor, quer
em si mesmo,
quer em
relação aos
tempos
posteriores e
às novas
condições
que se
verificam".
(MD 57)**

**"É
certamente
de boa
sabedoria e
muito para
louvar o
voltar, de
alma e
coração, às
fontes da
Sagrada
Liturgia; mas
não é
igualmente
bom e
louvável
reduzir tudo e
de todos os
modos ao
antigo. Não
seria animado
pelo zelo reto
e inteligente
aquele que
quisesse
voltar aos
antigos ritos
e usos,
repudiando
as novas**

***normas
introduzidas
por
disposição da
divina
providência e
sob a pressão
de
circunstâncias
novas". (MD
58)***

***"Tudo,
portanto, se
faça de modo
que se
guarde a
necessária
união com a
hierarquia
eclesiástica".
(MD 61)***

Neste ponto a encíclica retoma as afirmações de Pio X de que a Eucaristia é o ponto central da religião cristã e prossegue explicando a natureza sacrificial da Missa. Ao fazê-lo, porém, traz uma novidade. Pio XII não se limitou mais apenas a definir este caráter sacrificial, como o havia feito o Concílio de Trento, mas decidiu tornar explícito, pela primeira vez em um documento do Magistério da Igreja, em que consiste a essência do sacrifício eucarístico. Ao fazer isto, dirimiu uma questão que vinha sendo debatida há séculos entre os teólogos. Para entendê-la, assim como à solução apresentada por Pio XII, deve-se saber que na Missa há principalmente seis ações do sacerdote, as quais são:

1. A oferta do pão e do vinho antes da consagração.

2. A consagração do pão que se transubstancia no Corpo de Cristo.

3. A consagração do vinho que se transubstancia no sangue de Cristo.

4. A oferta do Corpo e Sangue de Cristo após a consagração.

5. A comunhão do sacerdote.

6. A distribuição da comunhão aos fiéis.

Qual destas ações constitui o sacrifício incruento que é a Missa?

São Tomás de Aquino, embora deixasse claro que a Missa é sacrifício, nem sequer chegou a levantar esta questão.

Alguns séculos mais tarde, na Theologia Moralis de S. Afonso de Ligório, a questão já se encontra colocada e apresentada da seguinte maneira:

"É certo e de fé que a Missa é verdadeira e propriamente sacrifício, mas cabe aqui perguntar em que consiste a essência deste sacrifício. Esta é uma grande questão e há entre os doutores várias sentenças. A primeira diz consistir apenas na comunhão (do sacerdote), porque apenas nela encontra-se a destruição ou a imutação da vítima; a segunda diz consistir na oferta feita após a

**consagração,
já que o
sacrifício
nada mais é
do que uma
oferta; a
terceira e
mais comum
diz consistir
apenas na
consagração,
o que é
muito
provável,
mas a mim
me parece
que a mais
provável é a
quarta
sentença
que afirma
que a
essência do
sacrifício
eucarístico
consiste na
consagração
e na
comunhão
do
sacerdote".**

**S.
Afonso
Liguori
Theologia
Moralis,
L. VI,
T.3, c.3**

Colocada assim a questão, vejamos o que o Magistério da Igreja, através de Pio XII, entendeu ensinar a este respeito:

"O Mistério da Santíssima Eucaristia, instituído pelo Sumo Sacerdote Jesus Cristo, e por sua vontade perpetuamente renovado pelos seus ministros, é a cúpula e como que o centro da religião cristã". (MD 62)

"Tratando-se do ponto mais importante da Sagrada Liturgia, julgamos oportuno, veneráveis irmãos, demorar nele um pouco e chamar a vossa atenção para este gravíssimo assunto". (MD 63)

"Cristo Senhor Nosso,

`sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec',

tendo amado os seus que estavam no

***mundo, na última
ceia, na noite em
que ia ser
entregue,
querendo deixar
à Igreja, sua
esposa amada,
um sacrifício
visível como o
exige a natureza
dos homens, que
representasse o
sacrifício cruento
a realizar uma só
vez na cruz, e
para que a sua
memória durasse
até à
consumação dos
séculos e a sua
salutar virtude
fosse aplicada
para a remissão
dos nossos
pecados
cotidianos,
ofereceu a Deus
Pai o seu corpo e
o seu sangue sob
as espécies de
pão e de vinho,
mandando aos
apóstolos, e aos
sucessores deles
no sacerdócio,
que fizessem a
mesma oblação".
(MD 63)***

***"O Augusto
Sacrifício do Altar
não é, pois, uma
pura e simples***

**comemoração da
paixão e morte de
Cristo, mas um
verdadeiro e
propriamente dito
sacrifício, no
qual, imolando-se
incruentamente,
o Sumo
Sacerdote faz o
que fêz uma vez
sobre a cruz,
oferecendo-se ao
Pai Eterno como
hóstia gratíssima,
divergindo
apenas o modo
de oferecer". (MD
64)**

**"É idêntico,
portanto, o
sacerdote, Cristo
Jesus, cuja
sagrada pessoa é
representada
pelo seu ministro.
Este, pela
consagração
sacerdotal, tem o
poder de agir em
virtude e na
pessoa do
próprio Cristo".
(MD 65)**

**"De igual modo, é
idêntica a vítima,
diferindo,
contudo, no
modo como é
oferecida. Com
efeito, na cruz,**

**Cristo ofereceu
totalmente a
Deus o seu ser e
os seus
sofrimentos, e a
imolação da
vítima foi
consumada por
meio de uma
morte cruenta
livremente
sofrida. No altar,
ao contrário, por
causa do estado
glorioso de sua
natureza humana,
a morte não tem
mais domínio
sobre Ele, e por
isso não é
possível efusão
de sangue". (MD
66)**

**"Mas a divina
sabedoria
encontrou o
modo admirável
de tornar
manifesto o
sacrifício de
nosso Redentor
por meio de
sinais externos
que simbolizam a
morte". (MD 66)**

**"De fato, pela
transubstanciação
do pão no corpo
e do vinho no
sangue de Cristo,
tem-se realmente**

**presente tanto o
seu corpo como
o seu sangue; e
as espécies
eucarísticas, sob
as quais está
presente,
simbolizam a
cruenta
separação do
corpo e do
sangue. Assim, a
comemoração de
sua morte, que
foi real no
Calvário, repete-
se em cada
sacrifício do altar
porque, por meio
de símbolos
distintos, Jesus
Cristo é
significado e se
nos mostra em
estado de
vítima". (MD 66)**

Para compreender melhor esta sentença de Pio XII, deve-se considerar que, certa vez, antes de Cristo ter iniciado sua vida pública, João Batista, ao vê-lo, havia dito dEle a João e a André:

**"Eis o
Cordeiro
de
Deus".**

Esta expressão era uma alusão a um sacrifício prescrito por Moisés ao povo judeu 1200 anos antes pelo qual todo ano, durante a Páscoa, cada família deveria imolar a Deus um cordeiro segundo um determinado rito. Com isto se

comemorava a libertação do povo judeu da escravidão do Egito. Este rito prescrevia que, além do cordeiro dever ser imolado no dia de Páscoa, todo o seu sangue deveria ser derramado e nenhum osso lhe poderia ser quebrado. Ao chamar a Jesus de Cordeiro de Deus, João Batista estava anunciando profeticamente o motivo pelo qual ele havia nascido.

Três anos depois desta profecia, Jesus foi crucificado no dia da Páscoa; era costume dos romanos quebrarem os ossos dos crucificados para que morressem mais depressa:

***"Vieram,
pois, os
soldados",***

diz o Evangelho,

***"e
quebraram
as pernas
ao
primeiro e
depois ao
outro que
tinham
crucificado
com
Jesus".***

**Jo.
9,
32**

Mas, ao chegarem a Jesus, sucedeu que este tinha sido flagelado tanto antes de ser crucificado, na vã tentativa de Pilatos de comover o povo judeu para que desistisse de sua condenação, que por causa destes maus tratos já se encontrava morto. Diz então S. João Evangelista, aquele mesmo que anos

antes havia ouvido a profecia de João Batista a respeito do Cordeiro de Deus:

**"Ao
chegarem
a Jesus,
vendo que
já estava
morto, não
lhe
quebraram
as pernas,
mas um
dos
soldados
perfurou-
lhe o lado
com uma
lança e
logo saiu
sangue e
água.
Aquele
que viu o
atesta, e o
seu
testemunho
é
verdadeiro
e sabe que
diz a
verdade,
para que
vós
também
creiais,
pois tudo
isso
aconteceu
para se
cumprir a
Escritura
(que diz):**

**`Não lhe
será
quebrado
um só
osso'''.**

Jo.
19,
33-
6

João também atesta, nesta passagem, que, morto Jesus, furaram-lhe o lado e saiu algum sangue e depois apenas água, mostrando com isso que, ao contrário do que costumava acontecer com os crucificados, mas conforme o rito prescrito para os cordeiros pascais, que naquele mesmo instante estavam sendo imolados em grande quantidade do lado de dentro da cidade no Templo de Jerusalém para serem servidos à noite às ceias nas famílias, Cristo não morreu sem ter-lhe sido derramado todo o seu sangue.

É também assim que Cristo se imola em cada Missa, segundo Pio XII.

Temos de um lado, na patena, o pão que se transubstancia no Corpo de Cristo, embora, concomitantemente, sob a espécie de pão, também se encontre seu sangue, alma e divindade; e no cálice, separadamente, o vinho se transubstancia no Sangue de Cristo, embora também, assim como no caso do pão, sob a espécie de vinho, por concomitância, se encontre o Cristo todo. Esta consagração distinta de ambos reproduz incruentamente a separação cruenta de seu Corpo e seu Sangue que se realizou na cruz. Verdadeiramente, pois, de um modo admirável, conforme o vimos escrito no século III na Carta 63 de Cipriano, o que está sobre o altar e

**"se
oferece
a Deus
neste
sacrifício
é a
Paixão
de
Nosso
Senhor
Jesus
Cristo".**

Mas dizia também o mesmo Cipriano que

**"não é
celebrado o
Sacrifício
do Senhor
com
legítima
santificação
se não
corresponde
à sua
Paixão a
nossa
oblação e
sacrifício".**

Diz também Hugo de São Vítor que

***"as coisas
que se
realizaram
em Cristo
não foram
apenas
remédio,
mas também
exemplo e
Sacramento;
foi
necessário,
pois, que se
realizassem
externamente
e de modo
visível, para
que
significassem
aquelas que
em nós
deveriam
realizar-se
de modo
invisível".***

Hugo
S.
Vitor
ML
175,
838

**Ora, diz o Evangelho que no momento em que Cristo oferecia-se
a si mesmo em sacrifício,**

***"a cortina do
Templo se
rasgou em
duas partes,
de alto a
baixo; a terra
tremeu e as
rochas se
fenderam, e
muitos
corpos de
justos que
tinham
morrido
ressuscitaram
e apareceram
a muitos".***

**Mt .
27 ,
51-
3**

Assim também devem se haver os que se aproximam deste sacrifício; lembrem-se que Cristo está presente de um modo todo especial neste sacrifício e que nada mais estão fazendo do que se aproximando dEle. Seja sua primeira preocupação lembrarem-se do Sacrifício que outrora Cristo celebrou na Cruz e verem-se no Sacrifício do Altar, em que Cristo se apresenta a Deus como vítima incruentamente imolada enquanto permanecem as espécies distintas consagradas sobre o altar, como se estivessem diante do Sacrifício da Cruz.

Pouco valeria, porém, lembrarmo-nos daquele sacrifício apenas em sua realização física se não nos recordássemos das intenções que naquele dia moveram a Cristo, e a elas não nos unirmos.

Assim como naquele dia rasgou-se o véu do templo, de alto a baixo, que simbolizava as coisas antigas, tremeu a terra e

fundiram-se as rochas, assim também devemos nos oferecer a nós próprios em sacrifício a Deus e morrer juntamente com Cristo para o pecado e as coisas que passam:

"Ao te aproximares do altar",

diz São Boaventura,

"dirige a tua alma e a tua intenção a fazer aquilo que Cristo teve a intenção de fazer, e o que tem a intenção de fazer a Santa Mãe Igreja. Mova-te em primeiro a consciência e o remorso dos pecados, esperando purificar-te de todo pecado pelo sacrifício como por uma vítima de

expição".

E completa estas palavras S. Tomás de Aquino:

***"Seja esta
Eucaristia o
término dos
meus vícios, o
extermínio da
concupiscência
e dos maus
desejos, o
aumento da
caridade, da
paciência, da
humildade, da
obediência e
de todas as
virtudes; a
firme defesa
contra as
armadilhas do
inimigo, a
pacificação
das revoltas
tanto da carne
como do
espírito, e em
Ti, único e
verdadeiro
Deus, a firme
união e feliz
consumação
do meu
existir".***

Quanto à ressurreição dos justos, que veio após as rochas terem- se fendido, esta é, em primeiro lugar, nossa própria ressurreição para as coisas eternas, o que sucede pela caridade, pois diante de Deus só vive quem permanece na

caridade, na qual se verifica plenamente a palavra de Cristo:

***"Dar é
maior
felicidade
do que
receber".***

**Atos
20,
35**

"Mova-te, pois, o louvor de Deus", continua S. Boaventura,

***"e o desejo de
servi-lo pela
caridade, pois
não temos com
que louvar mais
dignamente a
Deus do que
imolando-lhe (e
oferecendo-lhe)
sacramentalmente
o Cristo".***

No texto original, estas palavras de S. Boaventura dirigem-se ao sacerdote (Cf. S. Boaventura, Preparatio ad Missam); somente o sacerdote, e não os fiéis, diz Pio XII na Mediator Dei, realiza a imolação incruenta, enquanto representante de Cristo e não enquanto representante dos fiéis. Após a consagração, colocando sobre o altar a vítima divina, o sacerdote apresenta-a como oblação a Deus Pai; mas, acrescenta também o Pontífice, é nesta oblação que pelo Batismo participam os fiéis do sacrifício Eucarístico pelas mãos do sacerdote e também juntamente com ela, não por concelebrarem os ritos litúrgicos, mas unindo os seus votos à intenção do sacerdote a fim de serem apresentados a Deus pelo rito externo do sacerdote (Cf.

Pio XII, Mediator Dei 78, 88, 89).

Não se pode deixar de admirar como todas estas intenções são tão singelamente recolhidas e postas nos lábios do celebrante e no coração dos fiéis logo nas primeiras palavras que vem em seguida ao término da consagração na Oração Eucarística II, aquela proveniente dos textos de S. Hipólito de Roma no século terceiro, os mais antigos textos litúrgicos conhecidos:

***"Celebrando,
pois, a
memória da
morte e
ressurreição
de Vosso
Filho, nós
Vos
oferecemos,
ó Pai, o Pão
da Vida, e o
Cálice da
Salvação; e
Vos
agradecemos
porque nos
tornastes
dignos de
estar aqui na
Vossa
Presença e
Vos servir".***

Mas a ressurreição dos justos de que fala o Evangelho não é apenas a nossa; pelo que acrescenta S. Boaventura:

**"Aproximando-
te do altar,
inflama-te no
amor e
considera
também que
deve ser a tua
intenção
ajudar a toda
a Igreja, pois a
caridade
sacerdotal
deve se dilatar
em todos os
sentidos",**

**o que corresponde exatamente às palavras seguintes da oração
eucarística proveniente de S. Hipólito:**

**"E nós vos
suplicamos
que
participando
do Corpo e
Sangue de
Cristo,
sejamos
reunidos pelo
Espírito Santo
em um só
Corpo.
Lembrai-vos,
ó Pai, de
vossa Igreja
dispersa pelo
mundo
inteiro, que
ela cresça na
caridade.
Tende
piedade de**

***todos nós, e
dai-nos
participar da
vida eterna
com todos os
que neste
mundo vos
serviram a fim
de vos
louvarmos e
glorificarmos".***

Mas quem não perceberá que foram exatamente estas as disposições que animavam a Cristo quando Ele a Si próprio se ofereceu a Deus em Sacrifício na Cruz? De um modo admirável, pois, durante o Sacrifício do Altar acabamos por nos oferecer a nós próprios juntamente com Cristo em sacrifício ao Pai Eterno.

É por isto que Pio XII retoma a Encíclica que estamos a comentar com estas impressionantes palavras:

***"Todos os
elementos da
Liturgia
tendem, pois,
a reproduzir
na nossa alma
a imagem do
Divino
Redentor,
como que nos
tornando
hóstia com
Cristo, para a
maior glória
do Pai Eterno".
(MD 98)***

***"Assistindo,
pois, ao altar,
devemos***

***transformar-
nos de modo
que nos
tornemos, em
união com a
hóstia
imaculada,
vítima
agradável ao
Pai Eterno".
(MD 96)***

***"Por meio dos
preceitos da
Sagrada
Liturgia, a
Igreja
empenha-se
em levar a
efeito este
Santíssimo
propósito do
modo mais
apropriado
possível. A
isto tendem
não somente
as leituras, as
homilias e
outras
exortações
dos ministros
sagrados, mas
ainda os ritos
sagrados e o
aparato
externo, que
tem o condão
de excitar os
espíritos dos
fiéis, por meio
de sinais
visíveis de***

**piedade e
religião, à
contemplanção
das coisas
altíssimas
latentes neste
sacrifício".
(MD 97)**

**"A este ponto,
pois, devem
elevant o
espírito os
cristãos que
oferecem o
Sacrifício
Eucarístico:
considerem os
fiéis a
dignidade a
que os elevou
o sacramento
do Batismo; e
não se
contentem em
tomar parte no
Sacrifício
Eucarístico
com a
intenção geral
que convém
aos membros
de Cristo e
filhos da
Igreja, mas
livre e
intimamente
unidos ao
Sumo
Sacerdote e ao
seu ministro
terrestre,
unam-se a ele,**

de modo particular, no momento da consagração da hóstia divina e juntamente com Ele se ofereçam, ao pronunciar o sacerdote aquelas salutares palavras:

‘Por Ele, com Ele e nEle, a Ti, Deus Pai Onipotente, na unidade do Espírito Santo, é dada toda a honra e glória, por todos os séculos dos séculos’;

palavras a que o povo responde:

‘Amén’’. (MD 100)

"O Augusto Sacrifício do Altar conclui-se com a comunhão do alimento divino. Na verdade, o Sacrifício

***Eucarístico
consiste
essencialmente
na imolação
incruenta da
vítima divina,
imolação que
é
misticamente
manifestada
pela
separação das
Sagradas
Espécies e sua
oblação feita
ao Pai Eterno.
A Sagrada
Comunhão
pertence à
integridade do
Sacrifício e à
participação
nele; e,
enquanto é
absolutamente
necessária por
parte do
ministro
sagrado, por
parte dos fiéis
é somente
muito
recomendável".
(MD 111)***

Exposta desta maneira a natureza do Sacrifício Eucarístico, o venerável Pontífice passa a expor as conseqüências da doutrina que ele apresentou. Retomemos as suas palavras:

**"É preciso, pois,
veneráveis
irmãos, que
todos os fiéis
considerem o
seu principal
dever e suma
honra o
participar no
Sacrifício
Eucarístico; não
com uma
assistência
passiva,
negligente e
distráida, mas
tão fervorosa e
ativamente que a
união com o
Sumo Sacerdote
não possa ser
mais íntima,
conforme a
palavra do
Apóstolo:**

**`Tende em vós
os mesmos
sentimentos de
Jesus Cristo',**

**com Ele e por
Ele oferecendo o
Sacrifício e
juntamente com
Ele se
oferecendo a si
próprios. O dito
do Apóstolo:**

**`Tende em vós
os mesmos
sentimentos de**

**Jesus Cristo',
exige de todo
cristão que
reproduza em si,
o quanto está
nas
possibilidades
humanas, o
mesmo estado
de alma que
tinha o Divino
Redentor quando
realizava o
Sacrifício de si
mesmo". (MD 76)**

**"É o que
ensinam,
também, aquelas
exortações que o
Bispo, em nome
da Igreja, faz aos
ministros
sagrados no dia
de sua
ordenação:**

**`Dai-vos conta
daquilo que
fazeis, imitai
aquilo em que
vos ocupais, de
modo que,
celebrando o
mistério da
morte do Senhor,
procureis
mortificar os
vossos membros
dos vícios e das
concupiscências'.**

***E quase do
mesmo modo
são exortados
nos livros
litúrgicos os
fiéis, que se
abeiram dos
altares para
tomar parte nos
Sagrados
Mistérios:***

***`Seja neste altar
o culto da
inocência, aqui
se imole a
soberba, aqui se
abrande a ira,
aqui se vença a
luxúria e toda a
paixão
libidinosa, aqui
se ofereça, em
vez das rolas e
dos sacrifícios
antigos, o
sacrifício da
castidade e, em
vez das
pombinhas, o
sacrifício da
inocência'.***

***Assistindo, pois,
ao altar,
devemos
transformar-nos
de modo que nos
tornemos, em
união com a
Hóstia
Imaculada,
vítima agradável***

**ao Pai Eterno".
(MD 96)**

**"Todos os
elementos da
Liturgia tendem,
pois, a
reproduzir na
nossa alma a
imagem do
Divino Redentor,
como que nos
tornando hóstia
com Cristo, para
maior glória do
Pai Eterno". (MD
98)**

**"Todos,
portanto, assim
estritamente
unidos a Cristo,
procuremos
como que
submergir-nos
na sua
santíssima alma,
e unamo-nos
com Ele para
participarmos
nos atos de
adoração com
que Ele oferece à
Santíssima
Trindade a mais
grata e aceita
das
homenagens;
aos atos de
louvor e de ação
de graças que
Ele oferece ao
Pai Eterno, e a**

**que faz eco
harmonioso o
cântico do céu e
da terra,
conforme ao que
está escrito:**

**`Bendizei ao
Senhor, todas as
obras do
Senhor';**

**mas, sobretudo,
ofereçamo-nos e
imolemo-nos
como vítimas,
dizendo:**

**`Faze, Senhor,
que sejamos
para Ti oferenda
eterna". (MD
122)**

Com quanta razão começa a ficar visível por que a Mediator Dei foi chamada de "A Carta Magna da Liturgia"! Mas não podemos concluir este apanhado sem mencionar como a Encíclica termina com diretivas para que tudo isto pudesse vir, de fato, a tornar-se realidade na Igreja. Fazemos isto também por ser um dos pontos fundamentais para entender o que haveria de acontecer posteriormente na Igreja. Ouçamos, pois um apanhado das conclusões de Pio XII:

**"Veneráveis
irmãos, para
que os fiéis
possam,
guiados por
normas
seguras,
praticar o
apostolado
litúrgico com
frutos
abundantes,
julgamos
oportuno
acrescentar
alguns pontos
para tornar
realizável a
doutrina
exposta". (MD
167)**

**"Tratando-se
da genuína
piedade,
afirmamos que
entre a Liturgia
e os outros
atos de
religião, desde
que sejam
retamente
ordenados e
tenham em
vista um fim
bom, não pode
haver
verdadeira
repugnância".
(MD 168)**

**"Estas
múltiplas**

**formas de
piedade, de
fato, tendem
todas elas à
conversão e
orientação
para Deus de
nossa alma, à
expição dos
pecados e
prossecução
da virtude,
habituando-
nos à
meditação dos
pecados e
tornando-nos
o espírito mais
pronto para a
contemplação
dos mistérios
da natureza
humana e
divina de
Cristo,
dispondo-nos
a tomar parte
mais
frutuosamente
nas Sagradas
funções e
evitando o
perigo de que
as preces
litúrgicas se
reduzam a vão
ritualismo".**

(MD 170)

**"Não cesseis,
pois,
veneráveis
irmãos, no**

**vosso zelo
pastoral, de
recomendar e
encarregar
estes
exercícios de
piedade, dos
quais brotarão,
sem dúvida,
para o povo a
vós confiado,
frutos
salutares.
Sobretudo não
permitais que
as igrejas
estejam
fechadas
durante as
horas não
destinadas às
funções
litúrgicas,
como já
sucede em
algumas
regiões; que
se ponham de
parte a
adoração e a
visita ao
Santíssimo
Sacramento;
que se
desaconselhe
a confissão
dos pecados
feita somente
por motivo de
devoção; que
se descure, a
ponto de
arrefecer e**

**entibiar, o
culto a Nossa
Senhora,
sobretudo
entre a
juventude,
pois a
devoção a
Maria,
segundo
afirmam os
santos, é sinal
de
predestinação.
Esforçai-vos
também para
que nos retiros
mensais e
outros
exercícios
espirituais
feitos em dias
determinados
tome parte o
maior número
possível, não
só do clero,
mas também
de leigos".
(MD 171; 173)**

**"Mas
relativamente
aos vários
modos como
se costumam
praticar estes
exercícios,
seja a todos
bem sabido e
claro que, na
Igreja
terrestre, tal**

**como na
celeste, há
muitas
moradas, e
que a ascética
não pode ser o
monopólio de
ninguém". (MD
174)**

**"Contudo, é
necessário
que a
inspiração
com que
alguém é
levado a
preferir certos
e
determinados
exercícios
provenha do
Pai das luzes,
origem de tudo
o que é bom,
de todo dom
perfeito. Disso
será índice a
eficácia com
que tais
exercícios
conduzam as
almas a amar
sempre mais e
promover o
culto divino e
levem os fiéis
a participar
nos
Sacramentos
com maior
fervor e ter as
coisas santas**

**na devida
veneração e
respeito". (MD
175)**

**"Tomai, pois,
ao vosso
cuidado,
veneráveis
irmãos, a
prosperidade
desta piedade
pura e
autêntica e o
seu
reflorescimento
cada vez
maior". (MD
179)**

**"Instantemente
vos
exortamos,
veneráveis
irmãos, a que,
removidos os
êrros e a
falsidade e
proibido tudo
quanto está
fora da
verdade e da
ordem,
promovais
todas as
iniciativas
tendentes a
dar ao povo
um
conhecimento
mais profundo
da Sagrada
Liturgia, de**

**modo que ele
possa melhor
e mais
facilmente
participar nos
ritos divinos
com aquela
disposição
que convém a
cristãos". (MD
180)**

**"Provede com
bom ânimo
para que o
clero novo
seja formado
na inteligência
das Sagradas
Cerimônias, na
compreensão
de sua
majestade e
beleza. E isso
não somente
para que o
seminarista
possa um dia
cumprir os
ritos da
religião com a
ordem, o
decoro e a
dignidade que
se requerem,
mas sobretudo
para que se
forme na união
com Cristo
Sacerdote e
venha a ser
um santo
ministro de**

**santidade".
(MD 192)**

**"Atendei
também de
todos os
modos a que,
empregando
os meios e
processos que
a vossa
prudência
julgue mais
adaptados, o
clero e o povo
sejam um só
espírito e uma
só alma, e
assim o povo
participe
ativamente na
Liturgia, que
se tornará
realmente a
ação sagrada,
com a qual o
sacerdote que
superintende a
cura das
almas que lhe
forem
confiadas,
unido com a
assembléia do
povo, presta
ao Senhor o
culto devido".
(MD 193)**

**"Procurai,
sobretudo,
obter, com o
vosso**

**diligentíssimo
zelo, que
todos os fiéis
assistam ao
sacrifício
eucarístico; e,
para que
dessa
assistência
colham frutos
mais
abundantes e
salutares,
exortai-os
assiduamente
a que
participem
com devoção
no Sacrifício,
por todos
aqueles
modos
legítimos de
que acima
falamos. O
Augusto
Sacrifício do
Altar é o ato
fundamental
do culto
divino; é
necessário,
portanto, que
também seja a
fonte e o
centro da
 piedade cristã.
Sabei que não
satisfizestes
ao vosso zelo
apostólico,
enquanto não
virdes os**

**vossos filhos
abeirarem-se
em grande
número do
banquete
celeste, que é**

**"Sacramento
da piedade,
sinal da
unidade,
vínculo da
caridade".
(MD 195)**

**"Tudo isto,
veneráveis
irmãos,
tínhamos em
mente
escrever-vos e
o fizemos
movidos pelo
desejo de que
os nossos e
vossos filhos
melhor
compreendam
e mais
estimem o
preciosíssimo
tesouro
contido na
Sagrada
Liturgia". (MD
199)**

**"Que ela seja
uma
preparação e
um augúrio
daquela
celeste**

**Liturgia,
segundo a
qual,
confiamos, na
companhia da
Mãe de Deus e
nossa
dulcíssima
Mãe,
cantaremos:**

**“Àquele que
está sentado
no trono e ao
Cordeiro,
bênção, e
honra, e glória,
e império,
pelos séculos
dos séculos”.**
(MD 203)

Castel
Gandolfo,
20
novembro
1947
Pio XII,
Papa

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CAPÍTULO XI

Os apelos e a doutrina de Pio XII contidos na Encíclica Mediator Dei, dirigidos a todos os bispos do mundo, não podiam ficar sem resposta. Não ficaram sem resposta. Conforme veremos adiante, esta resposta concretizou-se no Concílio Vaticano II, e de um modo que, ao contrário do que muita gente hoje está propensa a pensar, o Concílio Vaticano II não representou uma ruptura com a tradição, mas, ao contrário, foi na verdade um fiel continuador desta tradição, e de uma tradição que, conforme viemos mostrando, vem mesmo de muito antes da fundação da própria Igreja.

O anúncio da convocação do Concílio Vaticano II foi dado por João XXIII em janeiro de 1959. Iniciados os trabalhos preparatórios, ficou logo evidente que a matéria a ser tratada seria tão ou mais vasta que a do próprio Concílio de Trento. Entretanto, aberto o Concílio, de uma pauta tão vasta e problemática, o primeiro assunto a ser apresentado à discussão foi precisamente a questão litúrgica. Quando, anos depois, foi encerrado o Concílio, verificou-se que o documento que daí havia resultado, a Constituição Sacrossantum Concilium sobre a Sagrada Liturgia, havia sido, de todos os documentos do Vaticano II, o que menos dificuldades havia causado. Foi o primeiro a ficar pronto e o primeiro a ser aprovado, pela significativa votação sem abstenções de 2147 votos contra 4. A explicação é que na realidade a constituição continuava a tradição de perto, mais de perto do que habitualmente se imagina; e não seria mesmo concebível que se ela representasse a destruição da tradição cristã tivesse havido uma votação tão unânime em tais circunstâncias.

Esteve presente ao Concílio um teólogo bem conhecido, atualmente bispo da Igreja, que aproveitou a ocasião para escrever a crônica do Concílio Vaticano II, dia por dia. Esta crônica foi posteriormente publicada em cinco volumes, com o título de Concílio Vaticano II, de frei Boaventura Kopplenburg. Nela o cronista procurou produzir um relato tanto quanto possível objetivo do que vinha acontecendo, mas apresentando cada notícia tal como se mostrava ao observador no próprio dia do fato, e não como se lhe pareceu posteriormente, após o

término do Concílio. Podemos, assim, seguir novamente ainda hoje o Concílio como se lá estivéssemos, participando dos mesmos dilemas e esperanças por que passaram os padres conciliares.

Receberam o nome de Congregações Gerais, durante o Concílio, as reuniões plenárias dos padres conciliares. Aberto o Concílio, as três primeiras congregações gerais, havidas nos dias 13, 16 e 20 de outubro de 1962 trataram das eleições das comissões de trabalho e dois dias depois começou o Concílio propriamente dito, na quarta congregação geral. O primeiro tema apresentado aos padres conciliares foi a questão litúrgica, debatida da quarta à décima oitava congregação geral, de 22 de outubro a 13 de novembro.

Nosso cronista participou dos trabalhos das comissões preparatórias do Concílio e acompanhou depois o próprio Concílio na qualidade de perito. Vamos recolher aqui alguma coisa de suas impressões:

"Reuniu-se esta manhã, às nove horas, a Quarta Congregação Geral do vigésimo Concílio Ecumênico. Foi iniciado o estudo da Constituição sobre a Sagrada Liturgia que, como já foi anunciado, será o primeiro assunto da discussão propriamente conciliar. A Constituição incluirá a necessidade de

**uma sadia
educação para a
piedade
litúrgica. A
escolha do
esquema 'De
Sacra Liturgia',
como o primeiro
assunto a ser
tratado nas
sessões
conciliares, de
preferência a
outros temas
talvez de maior
interesse para a
opinião pública
mundial,
compreende-se
facilmente se se
refletir sobre a
finalidade do
Concílio. Pois,
segundo o
pensamento de
João XXIII,
pretende-se
antes de mais
nada uma
renovação
interna da Igreja.
Ora, a obra da
Redenção,
predita por Deus
nas Sagradas
Escrituras e
realizada por
Cristo, é
continuada pela
Igreja
principalmente
mediante a
Liturgia, com o**

**Sacrifício da
Cruz
perpetuamente
renovado sobre
o altar".**

**"Hoje
observamos nas
celebrações
litúrgicas que
uma é a oração
do sacerdote
oficiante e outra,
totalmente outra,
é a oração do
fiel assistente.
Não sintonizam.
Enquanto o
sacerdote recita
belas orações
litúrgicas em
uma língua que
os fiéis não
compreendem,
os fiéis se
defendem
rezando o terço.
A maioria dos
que o assistem
o fazem mais
com a simples
consciência de
cumprir um
dever do que
para buscar
doutrina e
alimento na
mesa da palavra
e do Corpo do
Senhor. Esta
será a primeira
vez na história
da Igreja que um**

**Concílio
Ecumênico,
estando
literalmente
presentes todos
os bispos do
mundo católico,
haverá de tratar
ex professo da
vida litúrgica
não só dos
sacerdotes mas,
e sobretudo, dos
fiéis".**

**"No debate
emergiram cada
vez mais
claramente
alguns grandes
princípios que
devem orientar a
reforma
litúrgica. O
primeiro é que a
principal fonte
do verdadeiro
espírito cristão
está na
participação
ativa dos
sacrossantos
Mistérios da
Igreja. São as
mesmas
palavras de São
Pio X contidas
no Motu Proprio
Tra Le
Sollecitudini de
1903".**

"Foi

**repetidamente
sublinhado que**

**`a tarefa agora é
favorecer e
promover a
liturgia, e não
fazer novos
pronunciamentos
dogmáticos'.**

**Isto é
plenamente
conforme o
discurso de
abertura de João
XXIII
pronunciado na
Primeira
Congregação
Geral:**

**`O ponto
saliente deste
Concílio não é a
discussão de
um ou outro
artigo da
doutrina
fundamental da
Igreja, repetindo
ou proclamando
o ensino dos
padres e dos
teólogos antigos
e modernos,
pois isto supõe-
se bem presente
e familiar ao
nosso espírito, e
para isto não
haveria
necessidade de**

**um novo
Concílio".**

**"O desejo dos
padres,
repetidas vezes
expresso, de
facilitar a
participação no
Santo Sacrifício
da Missa e a
consciência de
um sacerdócio
comum a todos
os fiéis em
virtude do
caráter do
Batismo e da
Crisma, foi uma
das
características
não somente
das
intervenções da
Décima Primeira
Congregação
Geral, mas de
todo o
movimento
litúrgico".**

Estas palavras, redigidas por um perito conciliar fazendo a crônica das sessões plenárias ainda durante os debates preliminares à Constituição sobre a Sagrada Liturgia são muito importantes para se entender porque o texto final aprovado é pobre, quando comparado aos textos anteriores do Magistério da Igreja, em declarações dogmáticas. Isto fêz com que alguns que leram a constituição posteriormente achassem o texto suspeito e que isto teria acontecido devido a intenções escusas; mas deve-se dizer, ao contrário, à luz de todo o conjunto dos fatos, que tal se deu apenas porque desta vez o Magistério da Igreja interveio em alguma coisa onde não havia nenhuma

questão controvertida e ser dirimida; o objetivo do documento não era dirimir nada, mas oferecer normas para fomentar a piedade litúrgica dos fiéis.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAPÍTULO XII

Aprovada a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, suas primeiras palavras, que são também as primeiras palavras do Concílio Ecumênico, visto ter sido este o primeiro dos documentos aprovados, considerando tudo quanto viemos dizendo, não podiam deixar de ser outras:

**"O
Sacrossanto
Concílio
propõe-se a
fomentar
sempre
mais a vida
cristã entre
os fiéis: por
isso julga
ser seu
dever
cuidar de
modo
especial da
reforma e
do
incremento
da
Liturgia".**

Vem em seguida uma exposição sobre a natureza da Liturgia, bastante curta quando comparada com a extensão total do documento. Daí a constituição passa diretamente ao tema a que se propôs, o de estabelecer as normas para fomentar a piedade litúrgica dos fiéis, objeto de todo o restante do texto. "A Sagrada Liturgia", diz a Constituição Sacrossantum Concilium,

**"não esgota
toda a ação
da Igreja".
(SC 9)**

**"Todavia, a
Liturgia é o
cume para o
qual tende
toda a ação
da Igreja e,
ao mesmo
tempo, é a
fonte de
onde emana
toda a sua
força". (SC
10)**

**"Deseja
ardentemente
a Mãe
Igreja",**

continua o documento,

**"que todos os
fiéis sejam
levados
àquela plena,
cônsua e
ativa
participação
das
celebrações
litúrgicas, que
a própria
natureza da
liturgia exige
e à qual o
povo cristão,**

**sacerdócio
régio, tem
direito e
obrigação".
(SC 14)**

**"Não
havendo,
porém,
esperança
alguma que
tal possa
ocorrer se os
próprios
pastores de
almas não
estiverem
antes
profundamente
imbuídos do
espírito e da
força da
Liturgia e dela
não se
tornarem
mestres, faz-
se, por isso,
muitíssimo
necessário
que antes de
tudo se cuide
da formação
litúrgica do
clero". (SC 14)**

Diante disso a constituição sobre a liturgia passa a estabelecer normas para a formação de professores de liturgia para o clero (SC 15), para a formação do clero que será feita através destes professores (SC 16-17), para fomentar a vida litúrgica dos sacerdotes já formados (SC 18), para a instrução litúrgica do povo (SC 19).

Mas o documento estabelece que não é suficiente apenas uma renovação da formação litúrgica do clero e dos leigos:

"A Santa Mãe Igreja deseja com empenho cuidar (também) da reforma geral de sua Liturgia, a fim de que o povo cristão na Sagrada Liturgia consiga com mais segurança graças mais abundantes. Pois a Liturgia consta de uma parte imutável, divinamente instituída, e de uma parte suscetível de mudanças. Estas, com o correr dos tempos, podem ou mesmo devem variar, se se tornarem menos aptas. Com esta reforma o texto e as cerimônias

**devem
ordenar-se de
tal modo que
de fato
exprimam
mais
claramente as
coisas que
elas
significam e o
povo cristão
possa
compreendê-
las facilmente
e participar
plena e
ativamente".
(SC 21)**

**"A fim de que
se mantenha
a sã tradição,
sempre
preceda uma
cuidadosa
investigação
teológica,
histórica e
pastoral de
cada uma das
partes da
Liturgia a
serem
reformadas.
Não se façam
inovações, a
não ser que a
verdadeira e
certa utilidade
da Igreja o
exija e
tomando a
devida**

**cautela de
que as novas
formas
brotem como
que
organicamente
daquelas que
já existiam".
(SC 23)**

Mesmo assim, a

**"regulamentação
da Sagrada
Liturgia é de
competência
exclusiva da
autoridade da
Santa Sé
Apostólica e,
segundo as
normas do
direito, do
Bispo. Jamais
algum outro,
ainda que
sacerdote, tire
ou mude por
conta própria
qualquer coisa
à Liturgia". (SC
22)**

**"As cerimônias
resplandeçam
de nobre
simplicidade,
sejam
transparentes
por sua
brevidade**

***e sejam
acomodadas à
compreensão
dos fiéis
e de tal maneira
que não
necessitem de
muitas
explicações
para serem
compreendidas".
(SC 34)***

Será permitido, dentro deste espírito,

***"dar um lugar
mais amplo ao
vernáculo no
lugar do Latim,
conforme as
normas que
serão
posteriormente
estabelecidas".
(SC 36)***

***"A preocupação
de fomentar e
reformular a
Sagrada Liturgia
é tida com razão
como sinal dos
desígnios
providenciais de
Deus sobre
nossa época,
como passagem
do Espírito
Santo em sua
Igreja". (SC 43)***

**"Na última ceia,
na noite em que
foi entregue,
nosso Salvador
instituiu o
Sacrifício
Eucarístico de
seu Corpo e
Sangue. Por ele
perpetua pelos
séculos, até que
volte, o
sacrifício da
Cruz, confiando
à sua Igreja o
memorial de sua
morte e
ressurreição;
sacramento de
piedade, sinal de
unidade, vínculo
da caridade,
banquete
pascal, em que
Cristo nos é
comunicado em
alimento, o
espírito é repleto
de graça e nos é
dado o penhor
da futura glória".
(SC 47)**

**"Por isso a
Igreja com
diligente
solicitude zela
para que os fiéis
não assistam a
este mistério da
fé como
estranhos ou
expectadores**

***mudos, mas
cuida para que
participem
consciente,
piedosa e
ativamente da
ação sagrada,
sejam instruídos
pela Palavra de
Deus, saciados
pela mesa do
Corpo do
Senhor e dêem
graças a Deus. E
aprendam a
oferecer-se a si
próprios
oferecendo a
hóstia
imaculada, não
só pelas mãos
do sacerdote
mas também
juntamente com
ele e assim
tendo a Cristo
como mediador,
dia a dia se
aperfeiçoem na
união com Deus
e entre si, para
que, finalmente,
Deus seja tudo
em todos". (SC
48)***

***"Para que o
Sacrifício da
Missa alcance
plena eficácia
pastoral,
também quanto
à forma das***

**cerimônias, o
Sacrossanto
Concílio
determina ..." (SC
49)**

**"... que o
ordinário da
Missa seja
revisto de tal
forma que
apareça
claramente a
índole própria
de cada uma das
partes, bem
como a sua
mútua conexão,
e facilite a
participação
piedosa e ativa
dos fiéis. As
cerimônias
sejam
simplificadas,
conservando
cuidadosamente
a substância".
(SC 50)**

**"Nas missas
celebradas com
o povo, pode-se
dar conveniente
lugar à língua
vernácula". (SC
54)**

**"Vivamente
recomenda-se
aquela
participação
mais perfeita da**

***Missã, pela qual
os fiéis, depois
da comunhão do
sacerdote,
comunguem o
Corpo do
Senhor do
mesmo
Sacrifício". (SC
55)***

***"Todo o
conjunto e cada
um dos pontos
que foram
enunciados
nesta
constituição
agradaram aos
Padres do
Sacrossanto
Concílio. E nós,
pela autoridade
apostólica por
Cristo a nós
confiada,
juntamente com
os veneráveis
padres, no
Espírito Santo
os aprovamos,
decretamos e
estatuímos.***

***Ainda
ordenamos que
o que foi assim
determinado em
Concílio seja
promulgado
para a Glória de
Deus.***

4 de
dezembro
1963
Paulo,
Bispo da
Igreja
Católica".

▪ *Anterior*

▪ *Índice*